

CONFLITOS CONJUGAIS: A PERSPECTIVA DOS FILHOS

Viviane Ribeiro Goulart

Dissertação de mestrado

Porto Alegre/RS, 2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Conflitos conjugais: a perspectiva dos filhos

Viviane Ribeiro Goulart

Dissertação de Mestrado apresentada como exigência parcial para obtenção do grau de  
Mestre em Psicologia, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Adriana Wagner

Porto Alegre/RS, 2012.

Para a amada 'vó Teresa', que rezou para eu passar na seleção do mestrado, mas que saiu de cena antes que pudéssemos, juntas, comemorar essa conquista.

## AGRADECIMENTOS

O mestrado representa um projeto profissional muito importante na minha trajetória pessoal. Para realização e conclusão do mestrado foi fundamental o suporte de algumas instituições, grupos e pessoas, que merecem um agradecimento especial:

Ao CNPq, pela bolsa concedida.

Ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em especial ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, pelo acolhimento.

Aos professores do PPG em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, verdadeiros mestres, pelos ensinamentos, pelo comprometimento com a formação de professores e pesquisadores e pela atmosfera estimulante do curso de pós-graduação.

À escola, seus competentes professores e aos participantes, pela contribuição com este estudo de mestrado.

A minha orientadora, Dra. Adriana Wagner, um agradecimento todo especial, pelo conhecimento compartilhado, apoio em todos os momentos e estímulo constante durante o mestrado.

À Professora Dra. Lia Beatriz de Lucca Freitas, pelo cuidadoso trabalho de relatoria.

À banca de defesa do projeto, Dra. Clarisse Mosmann, Dra. Clarissa De Antoni e Dra. Lia Beatriz Lucca de Freitas, pelas valiosas contribuições.

Aos estudantes de psicologia Bárbara Barth, Bruno da Silva, Giovanna Piccoli e Betina de Oliveira pelo auxílio na coleta dos dados.

Às amigas e colegas do Grupo de Pesquisa Dinâmica das Relações Familiares, Paola Barbosa, Lisiane Saraiva, Patrícia Scheeren e Luciana Grzybowski pelo coleguismo, apoio e carinho em todos os momentos.

Às amigas e colegas de mestrado Beatriz Drago, Fernanda de Medeiros, Bárbara Backes, Regina Zanon, Alyane Silveira, Ana Zoltowski pelo companheirismo tanto nos bons momentos quanto no enfrentamento dos desafios durante o curso.

À grande amiga Clarissa Cassales Marquezan, pelas palavras de encorajamento que atravessaram o Oceano Atlântico.

À grande amiga e colega de mestrado Rebeca Vieira, por me acompanhar lado a lado nesta jornada de desenvolvimento pessoal e profissional.

À família Ribeiro Goulart, pelo incentivo e pela compreensão em relação a minha ausência durante o mestrado.

À família Schreiner Collischonn, pelo apoio, e, em especial, aos membros da família dedicados ao ensino e à pesquisa, pelos exemplos de dedicação e competência, que me estimulam positivamente.

Ao meu afilhado, Pedrinho, pelas risadas e momentos de descontração.

Ao meu marido, Walter, meu 'vento sul forte e constante'. Muito obrigada por me ajudar a retomar o rumo, renovar as energias e resgatar o otimismo, sempre que necessário!

## SUMÁRIO

RESUMO.....	6
ABSTRACT.....	6
APRESENTAÇÃO.....	7
CAPÍTULO I: OS FILHOS FRENTE AOS CONFLITOS CONJUGAIS: REVISANDO OS MODELOS TEÓRICOS E RESGATANDO ACHADOS EMPÍRICOS .....	9
Resumo.....	9
Abstract .....	9
Introdução .....	10
Da Pesquisa aos Modelos Teóricos.....	12
Rumo ao entendimento da perspectiva dos filhos.....	18
Sexo e idade dos filhos.....	29
Considerações Finais.....	30
Referências .....	34
CAPÍTULO II: CONFLITOS CONJUGAIS: A PERSPECTIVA DOS FILHOS .....	39
Resumo.....	39
Abstract .....	39
Introdução .....	40
Método .....	45
Participantes .....	45
Instrumentos e Procedimentos.....	45
Resultados e Discussão .....	47
A perspectiva das crianças.....	47
A perspectiva dos adolescentes .....	57
Considerações Finais.....	67
Referências .....	69
CAPÍTULO III: AVALIAÇÃO DO MÉTODO.....	74
CAPÍTULO IV: CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	78
ANEXOS .....	80
Anexo A - Carta de Aprovação do Comitê de Ética .....	81
Anexo B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Crianças.....	82
Anexo C – Termos de Consentimento Livre e Esclarecido – Adolescentes.....	83

## **RESUMO**

Este trabalho objetivou conhecer a visão dos filhos sobre os conflitos conjugais, através da técnica do grupo focal. Participaram 17 estudantes de uma escola pública, que moravam com seus pais, divididos em dois grupos focais, um de 8 crianças (8-9 anos) e outro com 9 adolescentes (12-13 anos). Cada grupo teve um único encontro realizado na escola dos participantes. Os dados de cada grupo foram analisados qualitativamente, em separado. Na perspectiva dos filhos, os conflitos conjugais podem variar desde uma discussão até a agressão física, são recorrentes, versam sobre qualquer assunto, sendo a sua expressão predominantemente negativa. Os filhos parecem empreender esforços para reconhecer a ocorrência dos conflitos e entender suas causas e consequências. Para lidar com os sentimentos negativos despertados pelo conflito, os filhos adotam estratégias variadas, podendo se engajar em comportamentos extremamente destrutivos. No geral, a visão de crianças e adolescentes converge, apresentando algumas diferenças.

Palavras-chave: Conflito conjugal, Filhos, Relações familiares

## **ABSTRACT**

This study focused on children's view of marital conflicts, through focus group technique. Participated 17 public school students, living with their parents. Participants were divided into two focus groups, one of eight children (8-9 years) and another with nine adolescents (12-13 years). Each group had a single meeting at participants' school. Data from each group were qualitatively analyzed, separately. From the children's perspective, marital conflicts can range from discussion to physical aggression, are recurrent, deal with any subject, and are predominantly negative in its expression. Children seem to make efforts to recognize the occurrence of conflicts and to understand its causes and consequences. To deal with the negative feelings aroused by the conflict, children adopt various strategies, and may engage in highly destructive behaviors. Overall, children and adolescents' view converge, with some differences.

Keywords: Marital conflict, Children, Family relationship

## APRESENTAÇÃO

O conflito conjugal é reconhecido como uma ocorrência natural entre os cônjuges e vem sendo bastante estudado em casais que moram com seus filhos. Nesse sentido, a literatura científica internacional tem inúmeros trabalhos teóricos e empíricos documentando o impacto negativo do conflito conjugal na vida dos filhos. Os resultados desses estudos na área da psicologia têm indicado que o conflito conjugal aumenta as chances de os filhos apresentarem problemas emocionais e comportamentais.

No Brasil, há uma carência expressiva de estudos empíricos investigando as repercussões do conflito conjugal para os filhos, embora já existam revisões da literatura sobre esse assunto realizadas por pesquisadores brasileiros. Além da escassez de estudos nacionais, as pesquisas internacionais e brasileiras ainda não exploraram suficientemente a visão dos filhos sobre os conflitos conjugais dos seus pais no período da infância e adolescência, desde uma abordagem qualitativa.

Esta dissertação de mestrado vincula-se à temática do projeto guarda-chuva do Núcleo de Pesquisa Dinâmica das Relações Familiares, da UFRGS, intitulado “Conjugalidade e Parentalidade: Estratégias de Resolução de Conflitos de Pais e Filhos” (CNPq nº 302727/2009-4). Tal projeto compreende um estudo quantitativo, através do qual se pretende conhecer a dinâmica que se estabelece frente aos conflitos conjugais e a sua reverberação no sistema familiar, principalmente em termos do exercício da parentalidade. Os objetivos desse projeto são investigar (a) o conflito conjugal na perspectiva do casal e de seus filhos, (b) as estratégias de resolução adotadas pelos cônjuges, e (c) as maneiras como tais aspectos se expressam nas relações que os filhos estabelecem com seus iguais. Esse projeto abrange uma amostra de cerca de 180 casais, de diferentes níveis socioeconômicos, com relacionamento estável e coabitação com os filhos na cidade de Porto Alegre. A amostra também inclui cerca de 180 filhos destes casais, de ambos os sexos e com idade entre oito e 16 anos, estudantes de escolas públicas de Porto Alegre. Os dados do projeto guarda-chuva já foram coletados e estão em fase de análise.

A presente pesquisa complementa o estudo do projeto guarda-chuva, investigando a perspectiva dos filhos sobre o conflito conjugal desde uma abordagem qualitativa. Entendemos que a perspectiva dos filhos inclui tanto a sua percepção acerca dos conflitos conjugais, como a sua experiência com tais situações no contexto familiar. Nesse sentido, o



estudo qualitativo da perspectiva de crianças e adolescentes pode ser importante para se conhecer a forma como os filhos caracterizam os conflitos conjugais e vivenciam os desentendimentos entre os pais.

O estudo da percepção de crianças e adolescentes sobre o conflito pode contribuir para que se avance o conhecimento acerca de determinados aspectos dos desentendimentos entre os pais, que podem ser potencialmente prejudiciais para o desenvolvimento dos filhos. Além disso, o conhecimento acerca da maneira como crianças e adolescentes entendem, se sentem e lidam com os conflitos conjugais pode ser importante para que se compreendam as respostas dos filhos a essas situações familiares.

Esta dissertação é apresentada na forma de dois artigos, um teórico e outro empírico. No Capítulo I é apresentado o artigo teórico de revisão da literatura científica sobre a relação entre o conflito conjugal e o desenvolvimento dos filhos. Descrevem-se os principais modelos teóricos que explicam a associação entre o conflito conjugal e o ajustamento dos filhos. Apresentam-se, ainda, achados empíricos sobre a maneira como os filhos avaliam, se sentem e lidam com os conflitos conjugais dos pais. O objetivo desse artigo é fazer uma aproximação em direção ao entendimento da perspectiva dos filhos sobre os conflitos conjugais.

O capítulo II apresenta o artigo empírico que relata a pesquisa referente a esta dissertação. Trata-se de um estudo qualitativo, de caráter exploratório-descritivo, que objetivou conhecer a perspectiva de crianças e adolescentes acerca dos conflitos conjugais de seus pais. Para a investigação desse tema, utilizou-se a técnica do grupo focal, que incluiu um conjunto de atividades e procedimentos especialmente planejados para serem usados com crianças e adolescentes.

O capítulo III consiste de uma visão crítica da metodologia empregada. Nesse sentido, avaliam-se as técnicas e procedimentos utilizados, justificando-se a postura metodológica adotada. Finalmente, no capítulo IV, são feitas as considerações finais acerca deste trabalho de mestrado.

## **CAPÍTULO I: OS FILHOS FRENTE AOS CONFLITOS CONJUGAIS: REVISANDO OS MODELOS TEÓRICOS E RESGATANDO ACHADOS EMPÍRICOS**

### **Resumo**

Este artigo apresenta a definição de conflito conjugal e algumas evidências científicas sobre a relação desse tipo de situação familiar com o desenvolvimento dos filhos. Descrevem-se os principais modelos teóricos que se propõem a explicar as repercussões do conflito conjugal para o ajustamento dos filhos. Além disso, apresenta-se brevemente o panorama geral das pesquisas sobre o conflito conjugal tanto no cenário internacional, como no contexto nacional. Expõem-se resultados de estudos acerca da percepção, dos sentimentos e das estratégias de enfrentamento dos filhos diante do conflito conjugal. Ao final, propõe-se uma integração dessas três dimensões psicológicas dos filhos, buscando-se compreender a perspectiva dos filhos frente aos conflitos conjugais.

Palavras chave: conflito conjugal, filhos, parentalidade

### **Abstract**

This paper presents the definition of marital conflict and some scientific evidence about the relationship between this type of family situation and children's development. It also describes the main theoretical frameworks that aim to explain the effects of marital conflict on children's adjustment. In addition, we briefly present the overview of research on marital conflict both in the international scenario, as in the national context. We expose results of studies on children's appraisals, feelings and coping strategies to marital conflict. Finally, it offers an integration of these three children's psychological dimensions, aiming to understand marital conflict from the children's perspective.

Keywords: marital conflict, children, parenting

## **Introdução**

Os conflitos são inerentes a todos os relacionamentos humanos e, neste sentido, o conflito conjugal é inevitável. Teoricamente, o conflito conjugal pode ser definido como uma situação de oposição entre os cônjuges, identificada pelo casal como desentendimento ou fonte de problemas conjugais (Fincham, 2009). Ampliando esse conceito, Cummings e Davies (2010) definem o conflito conjugal como qualquer situação de interação entre o casal que envolva diferença de opinião, negativa ou positiva.

Quando um casal não tem filhos, o enfrentamento das situações de conflito pode ficar limitado ao contexto conjugal. Entretanto, quando se trata de um casal que mora com seus filhos, é natural que crianças e adolescentes estejam expostos, em alguma medida, aos conflitos conjugais. Assim, as respostas do casal frente a situações de conflito podem ir além do contexto conjugal, gerando repercussões para o desenvolvimento dos filhos e para a dinâmica das relações familiares.

A associação entre os problemas conjugais e os prejuízos no desenvolvimento dos filhos é uma ideia difundida e compartilhada socialmente. Essa associação está também bastante reconhecida na prática clínica, além de já ter sido documentada em estudos nacionais (Mosmann e Wagner, 2008) e trabalhos internacionais (Cummings & Davies, 2010; Grych & Fincham, 2001). Nessa perspectiva, Cummings e Davies, a partir da revisão da literatura especializada, concluíram que de todos os problemas associados às dificuldades conjugais, o conflito entre o casal se destaca como um preditor primário de problemas de ajustamento nos filhos.

Os estudos sobre os conflitos conjugais e sua reverberação no desenvolvimento infantil têm sido bastante expressivos no contexto internacional, principalmente, nas duas últimas décadas (Benetti, 2006). Embora se saiba que nem todas as crianças e adolescentes são afetados pelo conflito entre seus pais, existem evidências consistentes na literatura científica apontando para uma forte associação entre tais situações e problemas de comportamento nos filhos (Grych & Fincham, 1990; Davies & Cummings, 1994).

Nessa perspectiva, o conflito conjugal pode prejudicar o desenvolvimento dos filhos de forma direta ou indireta. A via direta consiste na exposição presencial das crianças e adolescentes a cenas de conflito entre os pais, o que pode comprometer o seu desenvolvimento psicológico (Davies & Cummings, 1994), social (Grych & Fincham, 1990) e acadêmico (Harold, Aitken, & Shelton, 2007), por exemplo. Na forma indireta de influência do conflito conjugal sobre os filhos, ainda que não haja a exposição às cenas

conflitivas, há uma mudança na atmosfera familiar e pode-se observar, por exemplo, o aumento da hostilidade no relacionamento entre os irmãos (Dunn & Davies, 2001) e a redução da disponibilidade parental (Sturge-Apple, Davies & Cummings, 2006).

No contexto internacional, encontram-se diversos estudos do tema que há mais de duas décadas vem se preocupando em discutir os efeitos dos conflitos conjugais sobre o desenvolvimento dos filhos (Grych & Fincham, 1990; Davies & Cummings, 1994; Zimet & Jacob, 2000; Cummings & Davies, 2002; Barletta & O'Mara, 2006). Embora ainda de forma modesta, na última década, apareceram estudos nacionais de revisão da literatura que abordam a influência das relações familiares sobre o comportamento dos filhos. Neste sentido, já foram estudados os problemas de exteriorização do comportamento nos filhos e as relações familiares (Szelbraciokowski & Dessen, 2007), bem como o impacto do conflito conjugal sobre o desenvolvimento de crianças e adolescentes (Benetti, 2006), e sobre o comportamento de crianças, com enfoque na parentalidade (Villas Boas, Dessen, & Melchiori, 2010).

Em meados dos anos noventa, Erel e Burman (1995) avançaram nessa perspectiva, investigando o tipo de relação entre a qualidade conjugal e o comportamento parental. A partir da identificação de uma associação positiva entre ambos, comprovaram que o tom afetivo do relacionamento do casal reverbera no relacionamento dos pais para com os filhos, efeito que denominaram *spillover*. Com o objetivo de analisar especificamente a associação entre o conflito conjugal e a parentalidade, Krishnakumar e Buehler (2000) encontraram evidências que apóiam a hipótese *spillover*. De acordo com essas pesquisadoras, os achados indicam que os comportamentos parentais mais afetados pelo conflito conjugal são os aspectos relacionados à disciplina que os progenitores exercem sobre os filhos. A forma de disciplinar tende a se tornar mais severa, e a aceitação parental passa a ter níveis de expressão de afeto, apoio e sensibilidade reduzidos, quando há conflitos expressivos no subsistema conjugal.

Nesse mesmo intuito de compreender a interação entre a conjugalidade e a parentalidade, pesquisadoras brasileiras (Mosmann & Wagner, 2008) realizaram um estudo com 149 casais residentes no interior e na capital do Rio Grande do Sul, com pelo menos um filho adolescente. As pesquisadoras investigaram a correlação entre variáveis da conjugalidade, entre elas, os conflitos, e duas dimensões da parentalidade: (a) exigência, e (b) responsividade.

No que se referia especificamente aos conflitos conjugais, os resultados indicaram que quanto maior o nível de conflito entre os cônjuges maior a exigência e menor a responsividade dos pais em relação aos filhos. Tais achados corroboram o efeito *spillover*. Nessa perspectiva, fica evidente a relevância de tal associação no entendimento dos processos familiares, tanto no que se refere aos procedimentos de avaliação e diagnóstico da família, assim como nas intervenções terapêuticas e de promoção de saúde (Mosmann & Wagner, 2008).

### **Da Pesquisa aos Modelos Teóricos**

A respeito dos achados empíricos sobre os efeitos dos conflitos conjugais sobre o desenvolvimento dos filhos, podem-se distinguir duas gerações de pesquisas (Cummings & Davies, 2002). A primeira delas ocupou-se em demonstrar a associação entre a discórdia conjugal e uma maior probabilidade de desenvolvimento de problemas nos filhos. Entretanto, uma segunda geração de pesquisas, desenvolvida na última década, conferiu maior sofisticação ao estudo da temática. Isto aconteceu, pois tais estudos lançaram um olhar sobre os processos e associações envolvidas entre o conflito conjugal e o comportamento dos filhos (Cummings & Davies, 2010).

Ao examinar os processos subjacentes ao conflito conjugal, tais investigações foram além da demonstração da existência de correlações estatisticamente significativas, contribuindo na busca de estruturação destes achados e na redução da insuficiência teórica sobre a temática (Davies & Cummings, 1994). Neste sentido, dois importantes artigos foram publicados na década de 1990, propondo modelos teóricos explicativos sobre a associação entre o conflito conjugal e o ajustamento infantil. Trata-se do Modelo Cognitivo-contextual (Grych & Fincham, 1990) e do Modelo da Segurança Emocional (Davies & Cummings, 1994).

Ao construir o Modelo Cognitivo-contextual, Grych e Fincham (1990) tiveram um propósito duplo. O primeiro objetivo foi o de realizar uma revisão crítica das pesquisas existentes na época, detalhando a relação entre o conflito conjugal e o ajustamento infantil. Além disso, propuseram um modelo teórico para organizar tais estudos e facilitar as investigações sobre os processos subjacentes a estas relações, que já vinham sendo trabalhados por Cummings e Cummings (1988) e Bradbury e Fincham (1997,1989).

O Modelo Cognitivo-contextual propõe que os efeitos dos conflitos conjugais para os filhos dependem da sua interpretação desse evento (Grych & Fincham, 1990). Além

disso, o modelo postula que as respostas dos filhos também são influenciadas por fatores denominados por eles de contextuais. Esses fatores referem-se aos aspectos psicológicos do contexto, mais especificamente a características dos filhos em relação ao conflito conjugal. Os fatores contextuais são divididos em dois subtipos. Na classe do contexto distal estão os fatores relativos aos filhos que são estáveis ou de mudança lenta ao longo do tempo, e, portanto, análogos ao traço. Incluem-se nessa categoria a experiência prévia com o conflito, a percepção dos relacionamentos familiares, o temperamento e o gênero. Já na classe do contexto proximal estão os pensamentos e sentimentos dos filhos que precedem o processamento da ocorrência do conflito, e poderiam ser considerados análogos ao estado (Grych & Fincham, 1990).

O contexto é entendido como uma espécie de cenário no qual o conflito conjugal é percebido pelos filhos, podendo afetar a sua interpretação. Fica evidente que, para o Modelo Cognitivo-contextual (Grych & Fincham, 1990) a interpretação dos filhos e o contexto destacam-se como fatores importantes envolvidos na relação entre o conflito conjugal e problemas de comportamento nas crianças ou adolescentes. O modelo propõe, ainda, que tanto a interpretação do conflito conjugal como o contexto em que ele ocorre podem ser influenciados pelo estágio de desenvolvimento dos filhos (Grych & Fincham, 1990). Em resumo, a avaliação cognitiva e as estratégias de enfrentamento dos filhos são moldadas pelo contexto e pelas propriedades do conflito conjugal (Davies & Cummings, 1994), descritas como a frequência, a intensidade, o conteúdo e a resolução.

De acordo com o modelo proposto por Grych e Fincham (1990), o conflito conjugal pode ser entendido como um evento estressor que leva os filhos a empreender esforços para entender o que está ocorrendo, as razões para ocorrência desse evento e o que pode ser feito a respeito dessa situação. Para entender essas questões, os filhos fazem uma avaliação da situação que compreende duas etapas de processamento.

No processamento primário os filhos tomam consciência da ocorrência do conflito e vivenciam uma reação emocional decorrente desse evento. Posteriormente a essa etapa, segue-se o processamento secundário, através do qual os filhos buscam informações adicionais para entender as causas e consequências do conflito e avaliar a sua habilidade para lidar com esse tipo de episódio (Grych & Fincham, 1990).

Considerando que esse esforço de entendimento do conflito exige de crianças e adolescentes recursos emocionais e cognitivos, o modelo propõe que a interpretação dos filhos pode ser influenciada pelo seu nível de desenvolvimento. A exemplo disso, os

pesquisadores referiram que pré-escolares podem processar a informação diferentemente de crianças de colo em função da maturidade cognitiva e emocional. Além disso, os fatores contextuais também estão sujeitos a mudanças de acordo com o estágio de desenvolvimento dos filhos. Embora não desprezasse os aspectos emocionais, o afeto nesse modelo é secundário, já que Grych e Fincham (1990) destacam o papel da cognição como mediador da relação entre o conflito conjugal e problemas de ajustamento nos filhos.

À época da proposição do Modelo Cognitivo-contextual, Davies e Cummings (1994) apontaram críticas a tais proposições, considerando-as relativamente genéricas no que diz respeito às especificidades de qual aspecto psicológico nos filhos é mais afetado pelo conflito conjugal. Esses autores consideraram que, sobretudo, o Modelo Cognitivo-contextual não explicitava qual a perspectiva teórica do desenvolvimento que orienta as reações dos filhos, especialmente com relação aos aspectos emocionais. Contudo, embora na época da sua publicação o Modelo Cognitivo-contextual não tenha deixado clara a perspectiva teórica do desenvolvimento, algumas de suas proposições como, por exemplo, a modelagem, orientam-se pela Teoria da Aprendizagem Social (Bandura, 1973, 1977).

A partir de tais críticas, Davies e Cummings (1994) construíram seu próprio modelo, complementando o Modelo Cognitivo-contextual (Grych & Fincham, 1990), sem deixar de reconhecer a sua qualidade e valorizar a importância da cognição para as estratégias de enfrentamento dos filhos. Assim, ambos os modelos são convergentes em muitos aspectos. Entretanto, o Modelo da Segurança Emocional enfatiza o papel da emoção como processo fundamental envolvido na relação entre o conflito e problemas de ajustamento.

Nesse sentido, Davies e Cummings (1994) propuseram a Hipótese da Segurança Emocional, na qual os filhos têm um objetivo maior que é a busca por um senso de segurança e proteção no contexto familiar frente à situação do conflito conjugal (Cummings & Davies, 2010). A segurança emocional é entendida como um produto de vivências anteriores com o conflito entre os pais que por sua vez influenciam as respostas dos filhos a futuros conflitos conjugais (Davies & Cummings, 1994). Assim, a segurança emocional influencia a avaliação cognitiva e a forma como os filhos lidam com o conflito conjugal, sendo um mediador da relação entre a exposição ao conflito e o ajustamento dos filhos. De acordo com o Modelo da Segurança Emocional (Davies & Cummings, 1994) é importante a diferenciação entre as formas de expressão dos conflitos. Segundo esse modelo, conflitos que se expressam de uma forma construtiva promovem o senso de

segurança emocional dos filhos, enquanto as formas negativas de manifestação do conflito aumentam insegurança emocional.

Após a realização de numerosos estudos corroborando as suposições dessa hipótese, seus autores atualmente tratam esse conjunto de proposições como a Teoria da Segurança Emocional (Davies & Cummings, 1994). Esses autores argumentam que a pesquisa necessita de uma orientação teórica para que uma maior sofisticação possa ser alcançada na compreensão dos processos envolvidos na relação entre o conflito conjugal e o ajustamento dos filhos (Cummings & Davies, 2010).

A Teoria do Apego (Bowlby, 1969) é a teoria do desenvolvimento na qual estão baseadas as proposições do Modelo da Segurança Emocional, especialmente em relação à forma como o conflito conjugal afeta a relação entre pais e filhos. A premissa básica é a de que a segurança emocional deriva da qualidade do apego entre pais e filhos e também da qualidade do relacionamento conjugal dos pais. O conflito conjugal pode prejudicar tanto a qualidade do apego entre o genitor e o filho como a qualidade da representação interna que os filhos constroem da relação conjugal dos seus pais (Davies & Cummings, 1994). Como consequência disso, os filhos podem apresentar problemas de ajustamento ao longo do tempo.

Na comparação entre os dois modelos teóricos, em princípio, algumas diferenças são evidenciadas. No Modelo Cognitivo-contextual, a cognição é considerada o fator mediador do impacto do conflito, enquanto que, no Modelo da Segurança Emocional, os aspectos emocionais que são acionados frente a tais situações são considerados os principais mediadores nesse processo. A partir destes dois enfoques, pode-se constatar que os modelos são complementares, pois a assimilação das experiências com os conflitos – Modelo da Segurança Emocional (Davies & Cummings, 1994) -, será processada pelo sujeito a partir de seus recursos cognitivos - Modelo Cognitivo-contextual (Grych e Fincham, 1990).

A partir dessa perspectiva, constata-se que os estudos de Grych e Fincham (1990), e de Davies e Cummings (1994), realizados na década de 1990, destacaram a necessidade de considerar o caráter multidimensional do conflito conjugal. A partir da revisão da literatura realizada na época da proposição de ambos os modelos, seus autores descreveram quatro dimensões do conflito: frequência, intensidade, conteúdo e resolução.

Com relação à frequência, os conflitos podem variar de esporádicos a constantes, sendo esses últimos mais prejudiciais ao desenvolvimento dos filhos (Grych & Fincham,



1990; Davies & Cummings, 1994). A intensidade dos conflitos pode variar amplamente, desde uma baixa disputa entre os cônjuges até a violência verbal e física (Fincham, 2009). Já está comprovado que conflitos mais frequentes e intensos relacionam-se a problemas de ajustamento, como altos níveis de depressão e de comportamentos de externalização (Rogers & Holmbeck, 1997).

Com relação às fontes de conflito para os casais, sabe-se que os temas podem ser diversos, desde comportamentos e características pessoais até abuso verbal e físico (Fincham, 2009). Um estudo norte-americano realizado com 100 casais investigou o dinheiro como um dos tópicos de conflito conjugal doméstico (Papp, Cummings, & Goeke-Morey, 2009). Os cônjuges, separadamente, registraram e avaliaram os conflitos ocorridos em casa durante um período de 15 dias.

Contrariando as expectativas dos pesquisadores, o dinheiro não foi o tópico mais saliente nos conflitos entre os casais investigados. De acordo com ambos os membros do casal, as discussões sobre a criação dos filhos foram as mais frequentes, seguidas dos temas de responsabilidades doméstico-familiares e dificuldades de comunicação. Contudo, em comparação com conflitos sobre outros tópicos, as análises revelaram que as discussões sobre o dinheiro são percebidas por ambos os cônjuges como mais abrangentes, recorrentes e problemáticas. Além disso, apesar de empreenderem mais frequentemente tentativas de resolução, os problemas sobre este tema tendem a ficar sem solução (Papp et al., 2009).

Embora os conflitos conjugais possam versar sobre temas variados, as discussões sobre a criação dos filhos podem ser especialmente estressantes para as crianças (Grych & Fincham, 1990; Davies & Cummings, 1994). Diante de tal situação, os filhos podem sentir medo de serem envolvidos no conflito entre os pais (Grych & Fincham, 1993). A sensação de se sentir a causa do conflito entre os pais pode levar a criança a sentir culpa, tristeza e vergonha (Grych & Fincham, 1990; Grych, Fincham, Jouriles, & McDonald, 2000). Além disso, as respostas das crianças tendem a ser mais intensas quando elas se consideram a causa do conflito (Grych & Fincham, 1993). As pesquisas indicam que, de forma geral, o bem-estar dos filhos é prejudicado quando se sentem culpados pelos conflitos conjugais (Grych & Fincham, 1990; Grych & Cardoza-Fernandes, 2001).

Quanto às formas de resolução, o manejo do conflito pode variar desde padrões satisfatórios a negativos (Cummings & Davies, 2010). A forma positiva de resolução acontece quando há apoio, demonstrações de afeto e resolução dos problemas. Quando são resolvidos de forma positiva, os conflitos são considerados construtivos, na visão de

Goeke-Morey, Cummings, Harold e Shelton (2003). Por outro lado, os padrões negativos de resolução do conflito podem incluir hostilidade, ameaça e atitudes como agressão física e verbal. Os conflitos podem ser considerados destrutivos, na perspectiva de McCoy, Cummings e Davies (2009), quando o seu manejo ocorre de forma negativa.

Existem indícios de que a forma como os episódios de conflito conjugal terminam influenciam as reações dos filhos. Para investigar essa relação, Goeke-Morey, Cummings e Papp (2007) realizaram um estudo americano que investigou os desfechos dos conflitos conjugais de 102 casais e a sua repercussão para os filhos. O desfecho dos conflitos conjugais foi avaliado pelas mães e pelos pais, através de um instrumento de registro da forma como cada episódio de conflito ocorrido em casa terminou. A partir do instrumento foram avaliadas as repercussões de cinco estratégias de resolução, que incluíam (a) comprometimento, (b) pedido de desculpa, (c) submissão, (d) concordância em discordar, e (e) distanciamento. Os resultados desse estudo sugerem que o comprometimento é a forma de resolução que tem repercussões mais benéficas para os filhos, pois diminui as reações negativas, como tristeza e medo. Por outro lado, de todas as formas de resolução avaliadas, o distanciamento parece ser a pior estratégia adotada pelos cônjuges, já que aumenta o sofrimento psíquico dos filhos.

Entretanto, conforme discutem Goeke-Morey et al. (2007), para os casais frente ao conflito não há uma simples dicotomia entre a resolução e a não resolução, mas sim uma ampla gama de possibilidades de enfrentamento de tais situações conjugais. Assim, o conflito conjugal não é necessariamente um causador de danos aos filhos (Fincham & Hall, 2005). Neste sentido, a configuração do conflito conjugal como um evento estressor e potencialmente negativo para os filhos será definida pela forma como o casal maneja essas situações.

Avançando em sua compreensão sobre o conflito conjugal, Cummings e Davies (2010) entendem que os filhos podem beneficiar-se da observação da resolução saudável do conflito conjugal de seus pais. De acordo com esses pesquisadores, testemunhar os pais resolvendo seus conflitos pode fornecer aos filhos lições sobre como resolver os seus próprios conflitos nas suas relações interpessoais. Esses autores argumentam, ainda, que pais que se mostram capazes de manejar adequadamente os seus conflitos conjugais transmitem aos filhos uma sensação de segurança de que futuros conflitos serão resolvidos.

Ademais, interações positivas entre os pais após o conflito, bem como explicações para os filhos de que os problemas conjugais foram resolvidos podem ser tão benéficas

quanto a observação da resolução (Cummings, Simpson, & Wilson, 1993). As crianças se beneficiam até mesmo em situações em que os pais não conseguiram resolver o conflito conjugal, mas afirmam para os filhos que esperam solucioná-lo no futuro (Cummings & Davies, 2010).

Frente a isso e partindo da premissa de que os conflitos são inerentes às relações, podemos afirmar que a forma como eles são tratados no seio da família é fator fundamental na garantia de melhores níveis de saúde das relações. Nesse caso, lidar com o conflito como algo possível de ser encaminhado, sem que paralise o desenvolvimento dos membros da família, é um dos desafios que os cônjuges devem enfrentar na liderança da educação de sua prole, assim como no crescimento de sua satisfação e qualidade conjugal.

### **Rumo ao entendimento da perspectiva dos filhos**

A análise da literatura permite concluir que as pesquisas sobre a repercussão do conflito conjugal na vida dos filhos denotam uma evolução. Inicialmente, foram encontradas evidências empíricas sobre a existência da associação entre o conflito conjugal e problemas de comportamento nos filhos. A partir da necessidade de se documentar, organizar e compreender esses achados, foram propostos modelos teóricos para avançar o conhecimento. Esses modelos representaram um marco no estudo do conflito conjugal, e suas proposições orientaram novos rumos para a pesquisa da temática em relação aos filhos.

A nova direção apontou para uma trajetória que fosse além da documentação das relações estatisticamente significativas sobre a associação entre o conflito e diferentes aspectos dos desenvolvimentos dos filhos (Cummings & Davies, 2002). Esse novo caminho partiu do reconhecimento por parte dos pesquisadores da complexidade da interação dinâmica de fatores biopsicossociais e do contexto do conflito no desenvolvimento dos filhos. Com isso, a pesquisa passou a incluir esforços para desvendar os processos que explicam e alteram o impacto do conflito conjugal no ajustamento dos filhos (Cummings & Davies, 2002; Cummings & Davies, 2010; Grych & Fincham, 2001).

Neste sentido, uma das formas para avançar o conhecimento acerca desses processos tem sido testar estatisticamente o papel moderador ou mediador de algumas variáveis, entre elas, a avaliação, os sentimentos e as estratégias de enfrentamento dos filhos. Segundo Rogers e Holmbeck (1997), pesquisadores americanos, a distinção entre as funções mediadora e moderadora é crucial, e, por isso, propõem uma definição para cada

um desses dois tipos de variáveis. A variável mediadora revela um mecanismo através do qual a variável independente afeta a variável dependente. Por outro lado, uma variável moderadora interage com uma variável preditora de maneira que o impacto do preditor no resultado depende do nível do moderador.

Dito de outra forma por Cummings e Davies (2010), as variáveis mediadoras explicam ‘como’ e ‘por que’ o conflito conjugal se relaciona ao ajustamento dos filhos, enquanto as variáveis moderadoras respondem às perguntas ‘para quem’ e ‘quando’ se dá essa associação. Embora se observe certa convergência nas pesquisas acerca do papel de uma determinada variável, nem sempre os pesquisadores constroem as mesmas hipóteses sobre a sua função. Por exemplo, enquanto alguns pesquisadores propõem que a avaliação do conflito pelos filhos tem papel moderador (Rogers & Holmbeck, 1997), outros testam o seu papel como variável mediadora (Gerard, Buehler, Franck, & Anderson, 2005).

Independentemente de como se estabelece esse processo, é importante conhecer também quais as evidências empíricas que temos registradas na literatura sobre a avaliação, os sentimentos e as estratégias de enfrentamento dos filhos frente ao conflito conjugal. Considerando a importância da percepção dos filhos, dos seus sentimentos e estratégias frente a situações de conflito entre os pais, passamos a descrever um panorama geral das pesquisas a respeito desses aspectos.

Nesse sentido, podemos observar que a maioria das pesquisas investiga reações específicas de crianças e adolescentes frente ao conflito conjugal. O foco dos pesquisadores tem sido de avaliar o tipo de influência que o conflito conjugal exerce sobre o ajustamento dos filhos e as reações destes frente a tais eventos. As respostas dos filhos são consideradas como esforços empreendidos por crianças e adolescentes para interpretar e lidar com o conflito conjugal de seus pais. Tais reações aparecem descritas na literatura agrupadas em classes, de acordo com a sua natureza.

Recentemente, Rhoades (2008), pesquisadora norte-americana, realizou um estudo metanalítico propondo que os filhos podem apresentar quatro tipos de reações ao conflito dos pais: (a) cognitivas, (b) afetivas, (c) comportamentais, e (d) fisiológicas. Ou seja, diante do conflito conjugal, os filhos podem pensar, sentir, agir e/ou reagir fisiologicamente, segundo ela exemplifica.

Com relação à cognição, a autora encontrou que a criança pode construir representações sobre o conflito que sejam hostis, ameaçadoras, de incapacidade de enfrentamento ou ainda de se considerarem culpadas por tais divergências conjugais. A

respeito do afeto, os conflitos podem levar os filhos a terem sentimentos de tristeza, medo e raiva. Rhoades (2008) explica que, diante do conflito dos pais, os filhos podem ter respostas comportamentais como evitação ou envolvimento em tal situação. Já sobre as reações fisiológicas, o nível de condutância da pele e a frequência cardíaca são exemplos de respostas que podem sofrer alteração diante da exposição ao conflito conjugal, e por esta razão são parâmetros fisiológicos investigados em pesquisas.

Rhoades (2008) examinou as relações entre as quatro categorias de respostas ao conflito conjugal e o ajustamento de crianças e adolescentes. Foram analisadas 71 pesquisas com participantes com idade entre cinco e 19 anos. As análises indicaram que as quatro classes de reação ao conflito conjugal investigadas mostraram-se relacionadas ao ajustamento dos filhos, embora a força da relação tenha se mostrado maior para cognição e afeto negativo do que para respostas fisiológicas e comportamentais.

As dimensões psicológicas cognitiva, emocional e comportamental são pertinentes para o entendimento da perspectiva dos filhos sobre o conflito conjugal. A dimensão cognitiva refere-se ao processo de avaliação que os filhos fazem acerca do conflito cuja finalidade é a interpretação desse evento. O aspecto emocional inclui as reações emocionais dos filhos frente ao conflito. Finalmente, a dimensão comportamental consiste nas estratégias dos filhos para lidar com o conflito conjugal, frequentemente descritas nas pesquisas como *coping*.

A avaliação cognitiva é importante, pois é através dela que os filhos tentam entender as causas e as consequências do conflito conjugal (Grych & Fincham, 1990). Este processo de avaliação inclui a percepção da ocorrência do conflito e o processamento cognitivo, visando a sua interpretação (Fosco & Grych, 2008).

Na maior parte dos estudos, a avaliação cognitiva tem sido medida através de um instrumento criado por Grych, Seid e Fincham (1992), que indica a avaliação dos filhos sobre o conflito conjugal entre os pais. Essa escala, chamada *Children's Perceptions of Interparental* (CPIC) pode revelar percepções de ameaça, culpa e eficácia do *coping*. A percepção de ameaça refere-se ao medo dos filhos acerca da escalada da agressividade entre os pais, de serem envolvidos no conflito, ou de que o desfecho leve à separação. Já a percepção de culpa indica que os filhos se consideram a causa do conflito. Por fim, a eficácia do *coping* relaciona-se à crença dos filhos sobre a sua capacidade de lidar com o conflito conjugal. Além dessas dimensões, o instrumento avalia as propriedades do conflito (frequência, intensidade, conteúdo e resolução).

Utilizando, entre outras escalas, o instrumento que criaram, Grych e Fincham (1993) testaram o papel mediador da avaliação cognitiva dos filhos na relação entre o conflito e o seu ajustamento. Para isso, desenvolveram um estudo norte-americano com 45 crianças com idade entre 11 e 12 anos, que foram avaliadas quanto as suas respostas cognitivas, afetivas e de *coping* a conflitos conjugais diferindo em intensidade e conteúdo.

Os resultados desse estudo indicaram percepção de ameaça e maiores níveis de afeto negativo em conflitos mais intensos. Além disso, os filhos relataram mais sentimentos de culpa e de medo de envolvimento no conflito quando se responsabilizaram por esse tipo de situação, tendendo, nesse caso, a adotar estratégias de intervenção. Esses achados sugerem que os filhos estão atentos as diferentes expressões do conflito conjugal, preocupando-se mais com aqueles mais intensos. A motivação para intervir parece estar relacionada ao seu entendimento acerca da causa do conflito (Grych & Fincham, 1993).

Pesquisas posteriores corroboraram os resultados sobre o papel mediador da avaliação cognitiva, inicialmente testado por Grych e Fincham (1993). Um exemplo é o estudo norte-americano com uma amostra expressiva de 1893 crianças com idade entre 10 e 14 anos (Gerard, Buehler, Franck & Anderson, 2005). Os filhos relataram sua percepção do conflito de ameaça, culpa e estratégias de *coping*. Além disso, os jovens e seus os professores avaliaram problemas de internalização e externalização. Na mesma pesquisa, 416 pais relataram seus conflitos e avaliaram problemas de ajustamento. Os achados desse estudo estão em consonância com o trabalho inicial de Grych e Fincham (1993), sugerindo que a interpretação que os filhos fazem do conflito conjugal influencia as implicações desse tipo de circunstância familiar para o desenvolvimento de crianças e adolescentes.

Também guiados pelo Modelo Cognitivo-contextual (Grych & Fincham, 1990), Rogers e Holmbeck (1997) examinaram, entretanto, o papel moderador da avaliação cognitiva e a escolha das estratégias de enfrentamento dos filhos sobre os efeitos dos conflitos. Os pesquisadores tiveram como foco a relação entre a agressão conjugal e o ajustamento dos filhos. Participaram deste estudo 80 adolescentes entre 11 e 15 anos, que informaram a sua visão sobre a frequência e a intensidade de conflito conjugal, e sobre as suas crenças sobre os conflitos dos seus pais e as suas estratégias de enfrentamento dessas situações.

Os resultados indicaram que conflitos mais frequentes e intensos estão relacionados a problemas de ajustamento, como altos níveis de depressão e de comportamentos de externalização. Além disso, problemas de baixa autoestima e depressão mostraram-se

associados a crenças problemáticas sobre o conflito e ao uso ineficaz de respostas de enfrentamento. Na análise das crenças acerca do conflito, foi utilizada uma escala cujo escore elevado indicava crenças problemáticas, como (a) culpar a mãe, (b) culpar o pai, (c) medo do abandono, e (d) evitação dos pares ().

Nessa mesma pesquisa, Rogers e Holmbeck (1997) encontraram também que os filhos que tenderam a ter crenças problemáticas apresentaram maior probabilidade de relatar alto uso de estratégias ineficazes para lidar com as divergências entre os pais. Não foi encontrado efeito moderador significativo da avaliação cognitiva e das estratégias de enfrentamento adotadas pelos filhos. Contudo, efeitos de interação entre as variáveis sugerem que o apoio social e a percepção que a criança tem da disponibilidade dos seus pais podem atuar como fatores de proteção contra as implicações negativas do conflito conjugal (Rogers & Holmbeck, 1997).

Outro aspecto relevante para o processo de avaliação do conflito é a representação interna que os filhos constroem acerca do relacionamento conjugal. A Teoria do Apego (Bowlby, 1960), perspectiva teórica que orienta o Modelo da Segurança Emocional, pressupõe que o relacionamento familiar fornece modelos ou representações das relações familiares que são internalizadas pelos filhos. De acordo com esse pressuposto, essas representações são construídas a partir da experiência passada com o conflito conjugal e servem como guia para os filhos em suas relações sociais (Bascoe, Davies, Sturge-Apple, & Cummings, 2009).

Desta forma, a exposição ao conflito conjugal destrutivo pode levar os filhos a construir representações inseguras sobre relacionamento entre os pais, constituindo uma fonte de ameaça ao seu bem-estar. Essas representações inseguras podem levar os filhos a adotar um viés interpretativo do conflito, exacerbando as suas implicações negativas. Como consequência disso, os filhos podem ficar mais suscetíveis a problemas de ajustamento (Grych & Fincham, 1990; Davies Cummings, 1994).

Considerando que o processo de desenvolvimento incrementa os recursos cognitivos e emocionais, alguns estudos têm investigado a forma como a avaliação que os filhos fazem dos conflitos de seus pais muda ao longo do tempo. Um exemplo disso é o estudo longitudinal de Richmond e Stocker (2007). Esses pesquisadores investigaram se a avaliação do conflito conjugal (ameaça e culpa) muda durante o processo de desenvolvimento dos filhos. Esse estudo norte-americano investigou se as mudanças na

exposição dos filhos ao conflito conjugal estavam associadas a mudanças nas suas avaliações do conflito ao longo do tempo, verificando as diferenças entre os sexos.

Para esse estudo, foram coletados dados de 112 famílias, nas quais dois filhos com idade média variando entre oito e 19 anos, responderam a uma escala para avaliar a sua percepção do conflito conjugal. Além disto, ambos os pais completaram individualmente uma escala para medir a exposição de cada um dos dois filhos às discórdias do casal.

Os achados sugerem, de acordo com Richmond e Stocker (2007), que fatores como desenvolvimento, exposição ao conflito e gênero influenciam a forma como os filhos avaliam o conflito conjugal, mas com diferentes padrões para as avaliações de ameaça e culpa. Com relação às mudanças nas avaliações do conflito ao longo do tempo, os resultados indicaram que as avaliações de ameaça diminuíram rapidamente da infância para a adolescência, mas que seu declínio tornou-se mais lento durante esta última etapa do desenvolvimento. Já a culpa mostrou-se relativamente estável no tempo (Richmond & Stocker, 2007).

Além da avaliação cognitiva, a dimensão emocional está envolvida na interpretação que os filhos fazem do conflito conjugal, e ambas tomam parte na forma como os filhos reagem a esse evento. O componente emocional do Modelo Cognitivo-contextual (Grych & Fincham, 1990) é o afeto, considerado importante para a avaliação do significado do conflito e para a orientação do comportamento. De acordo com esse modelo, a resposta emocional inicial decorrente do processamento primário do conflito, influencia o processamento secundário. Posteriormente, o afeto modulado pela resposta emocional inicial em conjunto com o entendimento do conflito conjugal decorrente do processamento secundário guiam as estratégias de enfrentamento dos filhos. A eficácia da forma de enfrentamento do conflito conjugal influencia a resposta afetiva dos filhos. Isto é, o sucesso das estratégias pode levar à redução do afeto negativo, e, por outro lado, a ineficácia pode manter ou piorar o sofrimento dos filhos (Grych & Fincham, 1990).

Apesar de o aspecto emocional estar contemplado no modelo cognitivo-comportamental (Grych & Fincham, 1990), a primazia da emocionalidade como processo envolvido da associação entre o conflito conjugal e o impacto no comportamento dos filhos é dada pelo Modelo da Segurança Emocional (Davies & Cummings, 1994). De acordo com a Hipótese da Segurança Emocional, conflitos destrutivos podem minar o senso de segurança emocional dos filhos. Nesse sentido, as respostas dos filhos são orientadas pelas implicações desse tipo de conflito para o seu bem-estar e de sua família.



Desta forma, o aspecto fundamental da segurança emocional é o bem-estar e a capacidade de regulação das emoções frente a eventos estressores (Davies & Cummings, 1994). Nesse sentido, o conflito conjugal pode ser considerado um estressor que leva os filhos a tentativas de regular as suas emoções para se sentirem emocionalmente seguros. Assim, o afeto tem um papel de mediador da relação entre o conflito e as respostas dos filhos (Davies & Cummings, 1994).

A partir da perspectiva da segurança emocional (Davies & Cummings, 1994), os filhos fazem uma avaliação do conflito conjugal que envolve processos cognitivos e emocionais. Se o conflito conjugal não ameaça o senso de segurança emocional os filhos, esses se sentem otimistas quanto ao desfecho do conflito. Por outro lado, o entendimento de que o conflito conjugal é destrutivo leva a um aumento da excitação emocional negativa nos filhos. Essa reação faz com que os filhos se sintam emocionalmente inseguros e perturba a regulação das emoções e do comportamento. Assim, os sentimentos de insegurança afetam a capacidade dos filhos de lidar com o conflito (Crockenberg & Langrock, 2001)

A suposição de que experiências anteriores dos filhos com o conflito conjugal influenciam novas exposições a essas situações foi testada por Cummings, Kouros e Papp (2007) em um estudo longitudinal norte-americano. Esses pesquisadores investigaram a agressão passada como preditora de conflitos conjugais atuais, e como moderadora das respostas emocionais e comportamentais dos filhos. Participaram desse estudo 234 filhos com idade entre oito e 18 anos e seus pais. A agressão conjugal passada foi medida através de uma escala, enquanto o conflito atual foi avaliado um ano depois, através da discussão pelo casal de um tópico escolhido pelos cônjuges. A discussão foi gravada em laboratório e avaliada pelos pesquisadores quanto às estratégias de resolução e às expressões emocionais. As estratégias de resolução adotadas pelos casais eram consideradas construtivas, quando, por exemplo, era usado o humor, e, por outro lado, destrutivas, como através do uso de agressividade verbal (Cummings et al., 2007).

Os filhos, por outro lado, observaram a gravação da discussão e preencheram um questionário com perguntas sobre as suas emoções, suas possíveis atitudes e a sua percepção sobre o grau de resolução. Os pesquisadores analisaram os dados quantitativamente e concluíram que casais com níveis maiores de agressão conjugal no passado usaram mais estratégias destrutivas e menos estratégias construtivas no conflito

atual. Esses mesmos casais demonstraram menos emoções positivas e mais emoções negativas (Cummings et al., 2007).

As emoções expressadas e as estratégias usadas pelos pais durante o conflito mostraram-se preditores das reações emocionais dos filhos. As emoções negativas de ambos os pais, e as estratégias destrutivas maternas não só previram emoções menos positivas nos filhos, como também previram mais tristeza. Além disso, uma maior probabilidade de envolvimento no conflito foi observada nos filhos mais velhos, assim como níveis menores de respostas emocionais positivas (Cummings, Kouros e Papp, 2007).

Os filhos anteriormente expostos a agressão conjugal mostraram-se mais atentos e perturbados diante do conflito. Por outro lado, filhos cujos pais apresentaram maiores níveis de agressão conjugal mostraram-se mais atentos a estratégias construtivas. Conforme discutem Cummings et al. (2007), esse achado sugere que, possivelmente nas famílias cujo relacionamento conjugal é permeado por agressividade os filhos ficam mais atentos aos indícios de resolução do conflito, como uma forma de restabelecer ou manter a sua segurança emocional. Os resultados fornecem evidências de que os filhos estão atentos ao relacionamento dos pais, especialmente às expressões de afeto e de resolução dos episódios de conflito conjugal.

Uma pesquisa norte-americana investigou diferenças nas reações emocionais de crianças a diferentes expressões do conflito conjugal (Koss et. al, 2011). Esse estudo investigou as emoções e estratégias de 207 crianças com idade média de oito anos, enquanto assistiam vinhetas contendo diferentes expressões de conflito entre um homem e uma mulher. Os vídeos incluíam cenas de conflito (a) resolvido, (b) sem resolução, (c) em escalada, e (d) sobre a criação dos filhos, e os participantes foram orientados a imaginar que esses episódios estavam acontecendo entre os seus pais.

Os pesquisadores mediram, entre outras variáveis, as respostas emocionais e comportamentais das crianças. As crianças relataram suas emoções depois da exibição das vinhetas, através de cartões com ilustrações com faces expressando raiva, tristeza, medo e alegria. Os participantes indicaram, ainda, o comportamento que adotariam após a vinheta sobre criação dos filhos. Para isso, as crianças escolheram uma estratégia representada em uma escala com ilustrações de comportamentos incluídos nas categorias (a) evitação, (b) tentativas de ajudar os pais durante o conflito, (c) envolvimento para acabar com o conflito, e (d) monitoramento do conflito (Koss et. al, 2011).

Os dados desse estudo foram analisados quantitativamente e os resultados indicaram que os sentimentos de raiva e tristeza foram associados a conflitos em escalada e sobre criação dos filhos. O medo mostrou-se associado à escalada do conflito e à falta de resolução, enquanto a alegria à resolução. Acerca da relação entre os sentimentos e as estratégias, a raiva mostrou-se associada a comportamentos para cessar o conflito enquanto a tristeza estava relacionada ao monitoramento e à evitação. Esse estudo apóia a ideia de que para entender os sentimentos e as estratégias dos filhos frente ao conflito conjugal é essencial conhecer a forma como essas situações familiares se expressam e o contexto em que ocorrem (Koss et al., 2011).

Em relação aos comportamentos dos filhos em relação ao conflito conjugal, a literatura descreve essa classe de resposta, na ampla maioria das publicações especializadas, como estratégias ou *coping*. Apesar de nomeadas diferentemente, observa-se que frequentemente são usadas como sinônimos e referem-se aos esforços dos filhos para lidar com os conflitos conjugais.

A literatura especializada aponta para duas classes de estratégias, uma centrada no problema e outra na emoção (Grych & Fincham, 1990; Davies & Cummings, 1990; Cummings & Davies, 2002). O primeiro tipo compreende intervenções para tentar resolver o conflito, como, por exemplo, a mediação. Já as ações centradas na emoção envolvem tentativas de modificar o próprio estado emocional, como, por exemplo, a busca por apoio emocional ou a evitação do conflito (Cummings & Davies, 2002).

A literatura sobre *coping* admite que cada forma de *coping* é mais adequada para um tipo de estressor (Kerig, 2001). Isto é, o *coping* focado no problema é mais indicado quando crianças e adolescentes tem controle sobre o estressor com o qual estão lidando, já que ações focadas no problema podem ser efetivas para solucioná-lo. De outro modo, quando o estressor é incontrolável, como o conflito conjugal, ações focadas na emoção são consideradas mais adaptativas para os filhos (Kerig, 2001).

Ambos os modelos teóricos incluem considerações sobre as respostas de *coping* dos filhos frente ao conflito conjugal. Para o Modelo Cognitivo-contextual (Grych & Fincham, 1990) a expectativa dos filhos sobre a sua habilidade em lidar com o conflito conjugal pode influenciar as suas estratégias de enfrentamento. Isto é, alta crença na eficácia leva à intervenção, enquanto baixa crença tende a reduzir os esforços dos filhos.

Embora sem estar orientado pelo Modelo Cognitivo-contextual (Grych & Fincham, 1990), um estudo norte-americano feito na década de 1990 investigou a diferença nas

crenças dos filhos acerca das suas estratégias para reduzir a hostilidade entre os seus pais (Covell & Miles, 1992). As pesquisadoras encontraram que para crianças com idade entre quatro e seis anos a intervenção direta no conflito é uma estratégia reconhecida por elas e por seus pais como efetiva. Contudo, para crianças com idade entre 10 e 12 anos esta atitude é vista tanto por elas bem como por seus pais como ineficaz. Os resultados sugerem que o envolvimento das crianças pequenas no conflito conjugal pode ser eficaz para a sua cessação pelo fato de que a sua intervenção sinaliza aos pais que tais situações são potencialmente estressantes para os filhos. Os filhos mais velhos, por outro lado, tem um entendimento mais desenvolvido do relacionamento entre os pais e talvez por isso acreditem que nem sempre é necessário ou eficaz intervir (Covell & Milles, 1992).

O Modelo da Segurança Emocional (Davies & Cummings, 1994), relaciona o uso das estratégias ao senso de segurança emocional. Isto é, considera que as estratégias que os filhos adotam para lidar com os conflitos conjugais ocorrem como um esforço para aumentar ou restabelecer o seu senso de segurança. Com esse objetivo, os filhos podem ter motivação para controlar, reduzir ou terminar o conflito entre os pais.

Os autores desse modelo destacam que esses comportamentos podem ser efetivos no momento do seu uso, entretanto, se tornando desadaptativos em longo prazo. Por exemplo, os filhos podem se engajar em um comportamento negativo como uma estratégia para desviar a atenção dos pais e com isso obter sucesso em cessar o conflito. Contudo, o reforço desse tipo de comportamento por parte dos pais pode incentivar a sua repetição em outras situações semelhantes, se tornando, portanto, prejudicial para os filhos (Davies & Cummings, 1994). Ou seja, o conflito conjugal pode exercer influencia na forma como os filhos enfrentam os conflitos de seus pais, promovendo estratégias pouco adaptativas em longo prazo.

Nesse sentido, uma pesquisa longitudinal realizada no Reino Unido, investigou o papel de respostas adaptativas e desadaptativas dos filhos ao conflito conjugal e encontrou evidências coerentes com a perspectiva da segurança emocional (Shelton & Harold, 2007). A amostra incluiu 100 participantes com idade entre 10 e 14 e seus pais. Todos os sujeitos desse estudo responderam a instrumentos sobre o conflito conjugal, os comportamentos de *coping* e o ajustamento psicológico dos filhos, no início da pesquisa e após um ano. As respostas de *coping* foram avaliadas com base em uma escala que indicou a frequência de estratégias como (a) busca por apoio social, (b) ações para modificar a situação e (c) comportamentos para descarregar emoções negativas (Shelton & Harold, 2007).

Esse estudo não encontrou indícios de que a busca por apoio ou as ações para modificar o comportamento funcionaram como respostas adaptativas. Por outro lado, foram encontradas evidências de que os filhos expostos ao conflito conjugal parecem estar mais propensos ao uso de comportamentos desadaptativos, que por sua vez estão relacionados a problemas psicológicos, como ansiedade, depressão e baixa autoestima. O uso de comportamentos para descarregar emoções negativas, como por exemplo, agindo agressivamente, pode tornar os filhos mais suscetíveis a sintomas depressivos e ansiosos (Shelton & Harold, 2007).

De acordo com os autores desse estudo, estratégias para aliviar a tensão despertada pelo conflito podem ter um efeito benéfico imediato para os filhos, mas não são efetivas de fato. Os resultados sugerem que alguns filhos têm um repertório restrito de estratégias efetivas para lidar com o conflito entre os seus pais e podem precisar de ajuda para se adaptar a tais situações ao longo do tempo (Shelton & Harold, 2007).

As estratégias de *coping* em relação ao conflito conjugal foram investigadas como possíveis fatores de vulnerabilidade e proteção para os filhos por Nicolotti, El-Sheikh e Whitson (2003) nos Estados Unidos. Participaram dessa pesquisa 80 crianças com idade entre oito e 11 anos, e suas mães. Entre outros parâmetros, foram coletados dados sobre o conflito conjugal, problemas de ajustamento nas crianças e as suas estratégias de *coping*, incluídas em quatro categorias: (a) *coping* ativo, (b) apoio, (c) evitação, e (d) distração.

Nesse estudo, foram encontradas evidências de que o uso intenso da estratégia de evitação em famílias com altos níveis de conflitos atua como um fator de vulnerabilidade para os filhos. Isso pode ser devido ao fato de que os filhos podem se afastar da cena de conflito, mas ficar ruminando acerca das suas implicações, gerando sofrimento. Por outro lado, a distração mostrou-se um fator de proteção para saúde física e emocional. Esse achado possivelmente relaciona-se ao fato de que para se distrair de um evento estressor como o conflito, os filhos se envolvem em atividades prazerosas como esporte, entretenimento e interações sociais, com repercussões positivas sobre a sua saúde. Também foi encontrado que altos níveis de *coping* ativo ou de suporte atuaram como fator de proteção contra problemas de autoestima e sintomas depressivos em meninas e contra problemas de saúde para ambos os sexos (Nicoletti et al., 2003).

No contexto nacional, um estudo qualitativo (Toloi, 2006) investigou especificamente o entendimento e as estratégias de enfrentamento de adolescentes paulistanos frente aos conflitos conjugais de seus pais no casamento e na separação. A

pesquisa foi realizada com 45 adolescentes de classe média com idade entre 13 e 16 anos, que participaram de sociodramas temáticos. Os participantes foram divididos em dois grupos, um de filhos de pais de primeiro casamento, e outro com filhos de pais separados/divorciados ou de segundo casamento.

Os resultados revelaram que as principais estratégias dos filhos para lidar com o conflito foram tentativas de modificar o estresse causado pelo conflito, como chorar, conversar com amigos e com o cachorro, pensar e fazer outras coisas com objetivo de se distrair. Os adolescentes também referiram tentativas de mediação do conflito, bem como a fuga e o distanciamento para evitar o sofrimento. A comparação dos grupos não apontou para diferenças quanto às estratégias adotadas (Toloi, 2006).

### **Sexo e idade dos filhos**

Com base em uma ampla e atualizada revisão, Cummings e Davies (2010) alertam que as pesquisas têm encontrado resultados contraditórios em relação ao sexo dos filhos. Por esta razão não é possível determinar claramente o papel do gênero como moderador do efeito do conflito sobre o ajustamento dos filhos. Conforme destacam esses pesquisadores, estudos com amostras grandes e também metanálises não têm encontrado evidências suficientes para sustentar a hipótese de que o gênero atua como moderador desta relação. Os achados não uniformes sobre esta questão nas pesquisas são atribuídos a diversos fatores.

Um dos problemas diz respeito ao delineamento das pesquisas. De um modo geral, os estudos sobre os conflitos conjugais nas últimas décadas, conforme argumentam Cummings e Davies (2010), não têm sido delineados para investigar especificamente o papel do gênero. As pesquisas e os modelos para explicar o conflito conjugal têm favorecido o estudo do papel dos processos familiares como aspectos contextuais, em detrimento do sexo. Além disto, os delineamentos predominantes nas pesquisas utilizam modelos multivariados de mediação e moderação que não têm poder estatístico suficiente para testar especificamente o papel do gênero (Cummings & Davies, 2010).

Segundo Cummings e Davies (2010), o papel moderador do gênero pode variar de acordo com a etapa do desenvolvimento e com o processo de socialização de meninas e meninos. Os autores argumentam que se as meninas são socializadas para serem mais voltadas para os vínculos familiares do que os meninos, elas podem tornar-se mais

sensíveis ao conflito dos pais e, conseqüentemente, mais vulneráveis aos seus efeitos prejudiciais.

Por outro lado, esses pesquisadores consideram que tal inclinação aos relacionamentos interpessoais pode fazer com que as meninas desenvolvam melhores habilidades para identificar as causas do conflito e assim adotar estratégias mais eficazes de processamento e enfrentamento do que os meninos. Em outras palavras, as características associadas ao gênero podem ter tanto efeito protetor como de risco, dependendo das circunstâncias e das características em questão (Cummings & Davies, 2010).

Da mesma forma, não é possível dizer qual grupo etário ou estágio de desenvolvimento é mais afetado pelo conflito conjugal. Inúmeras conjecturas já foram feitas acerca desse aspecto, mas as pesquisas não têm encontrado respostas conclusivas sobre a hipótese de que alguma faixa etária é mais afetada pelo conflito conjugal. A vulnerabilidade de determinada faixa etária talvez dependa da área de funcionamento de crianças e adolescentes em questão, que pode ser mais reativa à exposição ao conflito do que outra. Além disso, a experiência prévia com o conflito conjugal também deve ser considerada, pois pode influenciar as respostas dos filhos (Cummings & Davies, 2010).

Assim, a revisão da literatura aponta que não é possível afirmar se meninas ou meninos são mais afetados pelos conflitos conjugais. Da mesma forma, não se pode afirmar qual faixa etária ou fase do desenvolvimento é mais vulnerável ao conflito. Portanto, ainda não é possível tirar conclusões definitivas sobre o papel do sexo e da idade no impacto do conflito conjugal na vida dos filhos.

### **Considerações Finais**

Desde a sua proposição, na década de 1990, os Modelos Cognitivo-contextual (Grych & Fincham, 1990) e da Segurança Emocional (Davies & Cummings, 1994) têm sido amplamente usados para compreender e investigar a relação entre o conflito conjugal e o ajustamento dos filhos. No cenário internacional, observa-se que a ampla maioria das pesquisas remete a, pelo menos, um dos dois modelos teóricos. Ainda que escassos, da mesma forma, os estudos nacionais orientam-se com base nesses modelos teóricos. Conclui-se que ambas as propostas continuam válidas e são consideradas referências importantes para a compreensão da relação entre o conflito conjugal e problemas que afetam o desenvolvimento dos filhos.

Como principal contribuição de ambos os modelos, destaca-se a indicação de direções para a comunidade científica quanto à necessidade de avançar o conhecimento acerca dos processos envolvidos na relação entre o conflito conjugal e o ajustamento dos filhos. Nesse sentido, destacam-se o reconhecimento do caráter multidimensional do conflito e da existência da multiplicidade de caminhos e fatores que influenciam a vulnerabilidade dos filhos ao conflito conjugal. A partir da revisão da literatura especializada, constata-se que os conflitos conjugais mais prejudiciais ao desenvolvimento de crianças e adolescentes são aqueles que são (a) frequentes, (b) intensos, (c) pobres em resolução e (d) que versam sobre os próprios filhos.

Diante do conflito conjugal, os filhos empreendem esforços cognitivos e emocionais para significar e lidar com essa situação no contexto familiar. Frente a uma cena conflituosa entre os seus pais, os filhos procuram entender porque o conflito está ocorrendo e estimar as consequências para si e para a sua família, a fim de determinar o que pode ser feito. Para isso, os filhos utilizam seus recursos cognitivos e emocionais para processar as informações que retiram do contexto do conflito conjugal levando em conta também a sua experiência passada com esse tipo de situação familiar.

De um modo geral, conflitos entendidos pelos filhos como ameaçadores para o seu bem-estar e para sua família fazem com que os filhos se sintam assustados. Além disso, se os filhos interpretam que são responsáveis pelo conflito conjugal podem surgir sentimentos de culpa, vergonha e baixa autoestima. Dependendo da sua crença sobre a eficácia da sua intervenção, os filhos podem se sentir motivados a intervir ou não no conflito conjugal. Se acreditarem que a intervenção é eficaz para acabar ou resolver o conflito, é provável que se sintam motivados a agir nesse sentido. Em contraste, se consideram que a sua intervenção é ineficaz ou que podem colocar-se em risco ao se envolverem no conflito, os filhos tendem a não se intrometer.

Entretanto, a literatura apresenta discussões relevantes sobre algumas estratégias de enfrentamento dos filhos. Neste sentido, o comportamento de não intervir no conflito, mas ficar ruminando acerca das suas causas e consequências pode ser prejudicial para o desenvolvimento dos filhos. Por outro lado, se afastar do conflito para se envolver em atividades positivas pode ser um comportamento adaptativo, pois esse tipo de atitude faz com que as crianças e adolescentes mudem o foco da sua atenção de uma circunstância potencialmente ansiogênica para uma situação prazerosa.



A forma como os filhos pensam, se sentem e lidam com o conflito pode sofrer influência de muitos fatores. Esse processo de avaliação do conflito conjugal abrange componentes cognitivos e emocionais, que podem variar de acordo com o estágio de desenvolvimento dos filhos. As características como frequência, intensidade, resolução e conteúdo do conflito conjugal também podem influenciar a sua reverberação no desenvolvimento dos filhos. Além disso, os aspectos contextuais, como a experiência prévia dos filhos com o conflito conjugal também os afeta, pois servem como pano de fundo para interpretação de episódios futuros de divergência entre os pais.

Pode-se verificar também na revisão da literatura que há uma mudança ao longo do tempo na avaliação que os filhos fazem dos conflitos. Alguns estudos longitudinais sugerem que a forma como os filhos avaliam o conflito conjugal muda da infância para a adolescência. Isto é, na medida em que os filhos se desenvolvem, seus recursos cognitivos e emocionais incrementam-se. A partir disso, o entendimento acerca da dinâmica do relacionamento entre os pais e, especificamente, das causas e consequências do conflito torna-se mais sofisticado.

As pesquisas internacionais são as mais avançadas e têm como população alvo participantes de culturas de língua inglesa. Os estudos mais numerosos e expressivos sobre as relações entre o conflito conjugal e o ajustamento dos filhos são baseados, sobretudo, em amostras compostas por participantes norte-americanos brancos e de classe média. Por esta razão, há uma limitação quanto à representatividade da população em termos culturais. Em consequência disso, a generalização destes resultados para a população de outras culturas deve ser realizada com cautela.

Na análise da literatura sobre o tema, observa-se que a ampla maioria das pesquisas internacionais utiliza um delineamento do tipo quantitativo transversal, embora existam alguns estudos longitudinais. Os pesquisadores têm investido em estudos que investigam os processos envolvidos na relação entre a exposição dos filhos ao conflito conjugal e diferentes aspectos do seu desenvolvimento.

Nesse sentido, os pesquisadores têm adotado a estratégia de eleger variáveis relacionadas a dimensões psicológicas dos filhos, como, por exemplo, as respostas emocionais, avaliando o seu papel na relação entre a exposição ao conflito conjugal e o impacto no desenvolvimento. A revisão da literatura indica que ainda há a necessidade de uma maior integração nas pesquisas dos aspectos que compõem as reações dos filhos frente ao conflito conjugal.

Nesse sentido, prospecta-se que as pesquisas futuras deverão focar-se na integração dos aspectos sobre a forma como os filhos significam, sentem e lidam com os conflitos dos seus pais. Esse esforço de integração será valioso para o entendimento da perspectiva dos filhos sobre os conflitos conjugais. Além disso, percebe-se uma escassez expressiva de estudos internacionais e nacionais que investiguem, de forma qualitativa, os conflitos conjugais na visão dos filhos. Frente à carência de pesquisas com a população brasileira, e da relevância do tema, recomenda-se que sejam desenvolvidos estudos que ajudem a compreender como os filhos vivenciam a dinâmica do relacionamento entre os seus pais, principalmente no que se refere aos conflitos conjugais.

## Referências

- Bandura, A. (1973). *Aggression: A social learning approach*. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall.
- Bandura, A. (1977). *Social Learning Theory*. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall.
- Barletta, J., & O'Mara, B. (2006). A review of the impact of marital conflict on child adjustment. *Australian Journal of Guidance & Counseling, 16*(1), 91-105. doi: 10.1375/ajgc.16.1.91
- Bascoe, S. M., Davies, P. T., Sturge-Apple, M. L., & Cummings, E. M. (2009). Children's representations of family relationships, peer information processing, and school adjustment. *Developmental Psychology, 45*(6), 1740-1751. doi:10.1037/a0016688
- Benetti, S. P. C. (2006). Conflito conjugal: Impacto no desenvolvimento psicológico da criança e do adolescente. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 19*(2), 261-268. doi: 10.1590/S0102-79722006000200012.
- Bradbury, T. N., & Fincham, F. D. (1987). Affect and cognition in close relationships: Toward an integrative model. *Cognition and Emotion, 1*, 59-87. doi: 10.1080/02699938708408364
- Bradbury, T. N., & Fincham, F. D. (1980). Behavior and satisfaction in marriage: Prospective mediating processes. *Review of Personality and Social Psychology, 10*, 119-143.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss: Vol.1. Attachment*. New York: Basic Books.
- Crockenberg, S., & Langrock, A. (2001). The role of emotion and emotion regulation in children's responses to interparental conflict. In J. H. Grych, & F. D. Fincham. (Eds.), *Interparental conflict and child development: Theory, research, and application* (pp. 129-156) New York: Cambridge University Press.
- Cummings, E. M., & Cummings, J. J. (1988). A process-oriented approach to children's coping with adult's angry behavior. *Developmental Review, 8*, 296-321. Retrieved from <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/0273229788900081>
- Cummings, E. M., & Davies, P. T. (2002). Effects of marital conflict on children: Recent advances and emerging themes in process-oriented research. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 43*, 31-63. doi: 10.1111/1469-7610.00003
- Cummings, E. M., & Davies, P. T. (2010). *Marital conflict and children: An emotional security perspective*. New York, NY: The Guilford Press.

- Cummings, E. M., Simpson, K. S., & Wilson, A. (1993). Children's responses to interadult anger as a function of information about resolution. *Developmental Psychology, 29*, 978-985. Retrieved from <http://psycnet.apa.org/journals/dev/29/6/978.pdf>
- Cummings, E. M., Kouros, C. D., & Papp, L. M. (2007). Marital aggression and children's responses to everyday interparental conflict. *European Psychologist, 12*(1), 17-28. doi: 10.1027/1016-9040.12.1.17
- Covell, K., & Miles, B. (1992). Children's beliefs about strategies to reduce parental anger. *Child Development, 63*, 381-390. doi: 10.1111/j.1467-8624.1992.tb01634.x
- Davies, P. T., & Cummings, E. M. (1994). Marital conflict and child adjustment: An emotional security hypothesis. *Psychological Bulletin, 116*, 387-411. Retrieved from <http://www.psych.rochester.edu/graduate/developmental/faculty/documents/MaritalConflictandchildadjustment1994.pdf>
- Dunn, J., & Davies, L. (2001). Sibling relationships and interparental conflict. In J. H. Grych, & F. D. Fincham. (Eds.), *Interparental conflict and child development: Theory, research, and application* (pp. 273-290). New York: Cambridge University Press.
- Erel, O., & Burman, B. (1995). Interrelations of marital relations and parent-child relations: A meta-analytic review. *Psychological Bulletin, 118*(1), 108-132. doi: 10.1037/0033-2909.118.1.108
- Fincham, F. D., & Hall, J. H. (2005). Parenting and the marital relationship. In T. Luster, & L. Okagaki (Eds.), *Parenting: An ecological perspective* (pp.205-234). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Fincham, F. D. (2009). Marital conflict. In *Encyclopedia of Human Relationships: Vol. 1*(pp. 298-303). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Fosco, G. M., & Grych, J. H. (2008). Emotional, cognitive, and family systems mediators of children's adjustment to interparental conflict. *Journal of Family Psychology, 22*(6), 843-854. doi: 10.1037/a0013809
- Gerard, J. M., Buehler, C., Franck, K., & Anderson, O. (2005). In the Eyes of the Beholder: Cognitive Appraisals as Mediators of the Association Between Interparental Conflict and Youth Maladjustment. *Journal of Family Psychology, 19*(3), 376-384. doi:10.1037/0893-3200.19.3.376
- Grych, J. H., Fincham, F. D., Jouriles, E. N., & McDonald, R. (2000), Interparental Conflict and Child Adjustment: Testing the Mediational Role of Appraisals in the

- Cognitive-Contextual Framework. *Child Development*, 71, 1648–1661. doi: 10.1111/1467-8624.00255
- Grych, J. H., & Cardoza-Fernandes, S. (2001). Understanding the impact of interparental conflict on children: The role of social cognitive processes. In J. H. Grych, & F. D. Fincham (Eds.), *Interparental conflict and child development: Theory, research, and application* (pp. 157-187). New York: Cambridge University Press.
- Grych, J. H., & Fincham, F. D. (1990). Marital conflict and children's adjustment: A cognitive-contextual framework. *Psychological Bulletin*, 108, 267-290. Retrieved from <http://www.chs.fsu.edu/~ffincham/papers/pb-child-prob-and-mc-pb-90.pdf>
- Grych, J. H., Seid, M., & Fincham, F. D. (1992). Assessing marital conflict from the child's perspective: The Children's Perception of Interparental Conflict Scale. *Child Development*, 63, 558-572. doi: 10.1111/j.1467-8624.1992.tb01646.x
- Grych, J. H., & Fincham, F. D. (1993). Children's appraisals of marital conflict: Initial investigations of the cognitive-contextual framework. *Psychological Bulletin*, 118, 267-290. Retrieved from <http://www.chs.fsu.edu/~ffincham/papers/cd-initial-test-2003.pdf>
- Grych, J. H., Fincham, F. D., Jouriles, E. N., & McDonald, R. (2000). Interparental conflict and child adjustment: testing the mediational role of appraisals in the cognitive contextual framework. *Child Development*, 74, 1176-1193. doi: 10.1111/1467-8624.00255
- Grych, J. H., & Fincham, F. D. (Eds.). (2001). *Interparental conflict and child development: Theory, research, and application*. New York: Cambridge University Press.
- Goeke-Morey, M. C., Cummings, E. M., Harold, G.T., & Shelton, K. H. (2003). Categories and continua of destructive and constructive marital conflict tactics from the perspective of U.S. and Welsh children. *Journal of Family Psychology*, 17, 327–338. doi: 10.1037/0893-3200.17.3.327
- Goeke-Morey, M. C., Cummings, E. M., & Papp, L. M. (2007). Children and marital conflict resolution: Implications for emotional security and adjustment. *Journal of Family Psychology*, 21(4), 744-753. doi: 10.1037/0893-3200.21.4.744
- Harold, G. T., Aitken, J. J., & Shelton, K. H. (2007). Inter-parental conflict and children's academic attainment: A longitudinal analysis. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 48(12), 1223-1232. doi:10.1111/j.1469-7610.2007.01793.x

- Kerig, P. K. (2001). Children's coping with interparental conflict. In J. H. Grych & F. D. Fincham (Eds). *Interparental conflict and child development: Theory, research and application* (pp. 213-248).
- Koss, K. J., George, M. R. W., Bergman, K. N., Cummings, E. M., Davies, P. T., & Cicchetti, D. (2011). Understanding children's emotional processes and behavioral strategies in the context of marital conflict. *Journal of Experimental Child Psychology, 109*, 336-352. doi:10.1016/j.jecp.2011.02.007
- Krishnakumar, A., & Bueher, C. (2000). Interparental conflict and parenting behaviors: A meta-analytic review. *Family Relations, 49*(1), 25-44. doi: 10.1111/j.1741-3729.2000.00025.x
- McCoy, K., Cummings, E. M., & Davies, P. T. (2009). Constructive and destructive marital conflict, emotional security and children's prosocial behavior. *Child Psychology and Psychiatry, 50*(3), 270-279. doi:10.1111/j.1469-7610.2008.01945.x
- Mosmann, C., & Wagner, A. (2008). Dimensiones de la conjugalidad y la parentalidad: un modelo correlacional. *Revista Intercontinental de Psicología y Educación, 10*(2), 79-103. Retrieved from <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/802/80212387005.pdf>
- Nicolotti, L., El-Sheikh, M., & Whitson, S. M. (2003). Children's coping with marital conflict and their adjustment and physical health: Vulnerability and protective functions. *Journal of Family Psychology, 17*, 315-326. doi: 10.1037/0893-3200.17.3.315
- Papp, L. M., Cummings, E. M., & Goeke-Morey, M.C. (2009). For richer, for poorer: Money as a topic of marital conflict in the home. *Family Relations, 58*, 91-103. doi: 10.1111/j.1741-3729.2008.00537.x
- Rhoades, K. A. (2008). Children's responses to interparental conflict: A meta-analysis of their associations with child adjustment. *Child Development, 79*(6), 1942-1956. doi: 10.1111/j.1467-8624.2008.01235.x
- Richmond, M. K., & Stocker, C. M. (2007). Changes in children's appraisals of marital discord from childhood through adolescence. *Journal of Family Psychology, 21*(3), 416-425. doi: 10.1037/0893-3200.21.3.416
- Rogers, M. J., & Holmbeck, G.N. (1997). Effects of interparental aggression on children's adjustment: The moderating role of cognitive appraisal and coping. *Journal of Family Psychology, (11)*1, 125-130. doi:10.1037/0893-3200.11.1.125

- Shelton, K. H., & Harold, G. T. (2007). Marital conflict and children's adjustment: The mediating and moderating role of children's coping strategies. *Social Development, 16*(3), 497-512. doi: 10.1111/j.1467-9507.2007.00400.x
- Szelbraciokowski, A. C., & Dessen, M. A. (2007). Problemas de comportamento exteriorizado e as relações familiares: revisão de literatura. *Psicologia em Estudo, Maringá, 12*(1), 33-40. doi: 10.1590/S1413-73722007000100005
- Toloi, M. D. C. (2006). *Filhos do divórcio: Como compreendem e enfrentam conflitos conjugais no casamento e na separação*. Tese de doutorado. Curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Retrieved from [http://www.sapientia.pucsp.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=3950](http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3950)
- Villas Boas, A. C. V. B, Dessen, M. A., & Melchiori, L. E. (2010). Conflitos conjugais e seus efeitos sobre o comportamento de crianças: uma revisão teórica. *Arquivos Brasileiros de Psicologia, 62*(2), 91-102. Retrieved from <http://146.164.3.26/seer/lab19/ojs2/index.php/ojs2/article/viewFile/527/454>
- Zimet, D., & Jacob, T. (2000). Influences of marital conflict on child adjustment: Review of theory and research. *Clinical Child and Family Psychology Review, 4*(4), 319-335. doi: 10.1023/A:1013595304718

## **CAPÍTULO II: CONFLITOS CONJUGAIS: A PERSPECTIVA DOS FILHOS**

### **Resumo**

Apresenta-se um estudo sobre a perspectiva dos filhos acerca dos conflitos conjugais. Participaram 17 estudantes de uma escola pública, que coabitavam com os pais. Os participantes compuseram dois grupos focais, um com 8 crianças (8-9 anos), e outro com 9 adolescentes (12-13 anos). Cada grupo teve um encontro único realizado na escola. Os dados de cada grupo tiveram o seu conteúdo analisado qualitativamente, em separado. Na perspectiva dos filhos, os conflitos conjugais podem variar desde uma discussão até a agressão física, são recorrentes, versam sobre qualquer assunto, sendo a sua expressão predominantemente negativa. Os filhos parecem empreender esforços para reconhecer a ocorrência dos conflitos e para entender suas causas e consequências. Para lidar com os sentimentos negativos despertados pelo conflito, os filhos adotam estratégias variadas, podendo se engajar em comportamentos extremamente destrutivos. No geral, a visão de crianças e adolescentes converge, com algumas diferenças.

Palavras-chave: conflitos conjugais, filhos, família

### **Abstract**

We present a study about children's view about marital conflicts. Participated 17 public school students, who lived with their parents. Participants compounded two focus groups, one with 8 children (8-9 years), and another with nine adolescents (12-13 years). Each group had a single meeting held at school. Data of each group have their contents qualitatively analyzed, separately. From the children's perspective marital conflicts can range from discussion to physical aggression, are recurrent, deal with any subject, and are predominantly negative in its expression. Children seem to make efforts to recognize the occurrence of conflicts and to understand its causes and consequences. To deal with negative feelings aroused by the conflict, children adopt various strategies, which may engage in highly destructive behaviors. Overall, children and adolescents' perspective converge, with some differences.

Keywords: marital conflict, children, family



## **Introdução**

Os conflitos conjugais são inerentes ao convívio dos cônjuges e até mesmo necessários para que o casal possa encaminhar questões relativas à vida conjugal. Entretanto, as pessoas com as quais os casais co-habitam podem estar expostas a tais situações durante o convívio. De acordo com dados do IBGE (Brasil 2010a), aproximadamente 73% dos casais co-residentes vivem em companhia dos filhos. Assim, é natural que os filhos percebam e até mesmo testemunhem episódios de conflitos entre os pais. Ainda segundo dados do IBGE (Brasil, 2010b), cerca de um em cada quatro casamentos resulta em divórcio, sendo que aproximadamente 37,4% dos divórcios ocorrem em casais com filhos menores de idade. Nessas famílias, possivelmente os casais vivenciem altos níveis de conflito antes do divórcio, expondo os filhos, em alguma medida, a tais situações no contexto familiar.

Ademais, a literatura científica internacional já possui dados consistentes sobre o impacto do conflito conjugal na vida dos filhos, como problemas de externalização e internalização (Emery, 1982; Grych & Fincham, 1990; Davies & Cummings, 1994). Nesse sentido, já existem estudos internacionais de metanálise (Rhoades, 2008) e de revisões de literatura documentando os efeitos deletérios do conflito em diversas áreas do desenvolvimento dos filhos (Barletta & O'Mara, 2006; Davies & Cummings, 1994; Grych & Fincham, 1990; Zimet & Jacob, 2000).

Um estudo norte-americano (Papp, Cummings & Goeke-Morey, 2002) comparou as características de conflitos conjugais que ocorrem em casa na ausência e na presença dos filhos concluindo que cerca de 2/3 dos conflitos ocorrem na ausência dos filhos, sugerindo que os pais tendem a protegê-los da sua exposição. Contudo, esse estudo encontrou que naqueles conflitos em que os filhos estavam presentes, as brigas mostraram-se mais negativas em sua expressão. Portanto, o conflito conjugal destaca-se como um fenômeno de relevância social e científica.

O conflito conjugal pode ser definido como qualquer situação de interação entre o casal que envolva diferença de opinião, tanto negativa como positiva (Cummings & Davies, 2010). O campo de estudo internacional sobre o papel do conflito conjugal na vida dos filhos evoluiu ao longo do tempo. Inicialmente as pesquisas se dedicaram a verificar a existência de relações estatisticamente significativas (Cummings & Davies, 2002), até que foram propostos dois modelos teóricos no contexto norte-americano para organizar os achados e orientar a direção de novas pesquisas.

O primeiro deles, chamado Modelo Cognitivo-contextual (Grych & Fincham, 1990), propõe que o impacto do conflito no ajustamento dos filhos, depende, sobretudo, da interpretação que esses fazem dos conflitos. De acordo com esse modelo, a interpretação é influenciada por fatores cognitivos, desenvolvimentais e contextuais que se inter-relacionam. Como fatores contextuais os proponentes desse modelo consideram o temperamento, o gênero, as expectativas em relação ao curso do conflito e o humor atual dos filhos, bem como a sua experiência passada com o conflito e sua percepção do clima emocional dos relacionamentos familiares.

Segundo o Modelo Cognitivo-contextual (Grych & Fincham, 1990), diante do conflito conjugal, os filhos fazem um processamento primário que inclui a tomada de consciência da ocorrência do conflito e a vivência de um afeto relacionado a essa experiência. Se o conflito não é avaliado como negativo ou não é considerado importante, o conflito deixa de ser foco da atenção dos filhos e não os afeta. De outro modo, se o conflito é avaliado como negativo, importante e relacionado aos filhos, esses farão um processamento posterior dessa situação.

Nesse caso, os filhos fazem um processamento secundário para entender por que o conflito está ocorrendo, atribuir responsabilidade, determinar o que pode ser feito, e estimar a eficácia da sua estratégia de enfrentamento. Esse processamento secundário é influenciado pelo nível inicial de excitação emocional dos filhos quando da tomada de consciência do conflito, que por sua vez modula o afeto despertado por esse. Ambos os processamentos recebem influência dos fatores denominados contextuais. O processamento secundário e o afeto influenciam-se mutuamente e em conjunto guiam as estratégias de enfrentamento dos filhos. As estratégias de enfrentamento e o afeto também se influenciam mutuamente (Grych & Fincham, 1990).

O sucesso da estratégia adotada reduz o afeto negativo, enquanto o fracasso mantém ou aumenta o afeto negativo. As estratégias de enfrentamento empregadas pelos filhos podem influenciar o curso do conflito. Isto é, a intervenção pode amenizar o conflito ou envolver os filhos. O resultado das estratégias dos filhos pode levá-los a um novo processo de avaliação do conflito. De acordo com as proposições do Modelo Cognitivo-contextual (Grych & Fincham, 1990), o nível de desenvolvimento dos filhos influencia os aspectos envolvidos no processamento do conflito e nas estratégias de enfrentamento.

O Modelo Cognitivo-contextual foi ampliado por Davies e Cummings (1994), dando origem ao Modelo da Segurança Emocional, que se diferencia do primeiro por

valorizar a emoção como mediadora dos efeitos dos conflitos para os filhos. A hipótese principal desse modelo é que os filhos têm um objetivo maior de manter seu senso de segurança emocional no contexto familiar, incluindo o contexto do conflito conjugal. A Teoria do Apego (Bowlby, 1969) orienta as proposições do Modelo de Segurança Emocional (Davies & Cummings, 1994) e, por esta razão, o modelo propõe que a qualidade do apego e da relação entre pais e filhos influencia o senso de segurança desses. Nesse sentido, filhos que se sentem seguros emocionalmente em relação ao relacionamento dos pais tendem a não avaliar o conflito conjugal como ameaçador para si e para a família.

De acordo com o Modelo da Segurança Emocional (Davies & Cummings, 1994) frente aos conflitos, os filhos fazem uma avaliação que envolve aspectos emocionais e cognitivos, considerando as repercussões do conflito para seu bem-estar e de sua família. Conflitos considerados pelos filhos como destrutivos perturbam o seu senso de segurança emocional, podendo levá-los a agir para reduzir seus sentimentos de insegurança.

Ambos os modelos têm sido testados e amplamente utilizados no cenário mundial para orientar pesquisas sobre o papel dos conflitos conjugais na vida dos filhos. A partir da proposição dois modelos teóricos (Grych & Fincham, 1990; Davies & Cummings, 1994), o conflito conjugal foi reconhecido como um construto multidimensional, cuja compreensão do seu efeito sobre os filhos pressupõe a análise de quatro elementos que o compõem: (a) frequência, (b) intensidade, (c) conteúdo e (d) resolução.

Os conflitos podem variar em relação à frequência da sua ocorrência desde raros até constantes, sendo esses últimos os mais negativos para o desenvolvimento dos filhos (Davies & Cummings). O conteúdo do conflito refere-se ao tema da discussão. Os casais que moram com seus filhos podem brigar sobre qualquer assunto, com as pesquisas norte-americanas (Papp, Cummings, & Goeke-Morey, 2009) e nacionais (Barth, Oliveira, Grzybowski, & Wagner, 2011) indicando que a maioria das brigas versa sobre temas relacionados aos filhos, relacionamento conjugal, divisão de tarefas domésticas e questões financeiras. Entretanto, aqueles conflitos que versam sobre a própria criança ou adolescentes são especialmente estressantes para os filhos (Grych & Fincham, 1993).

Quanto à intensidade, os conflitos podem variar desde uma discussão pacífica até a agressão verbal e física (Fincham, 2009; Grych & Fincham, 1990), sendo que essas manifestações de agressividade dos pais durante os desentendimentos oferecem mais riscos ao desenvolvimento dos filhos (Davies & Cummings, 1994; Cummings, Kouros, & Papp, 2007). Já a dimensão da resolução dos conflitos refere-se à forma como os pais manejam

os seus desentendimentos, que pode variar desde a completa resolução até a absoluta falta de resolução, com ampla gama de desfechos intermediários (Goeke-Morey, Cummings & Papp, 2007). Os estudos indicam que os conflitos pobres em resolução são os mais prejudiciais aos filhos.

Assim, a análise das quatro dimensões dos conflitos revela que a exposição dos filhos a determinados tipos de conflito os coloca sob risco de desenvolver problemas de ajustamento. Nesse sentido, os conflitos mais prejudiciais aos filhos são aqueles que são frequentes, intensos, relacionados aos filhos e pobres em resolução (Cummings & Davies, 2010; Davies & Cummings, 1994; Grych & Fincham, 1990; Grych & Fincham, 2001).

Com o reconhecimento por parte dos pesquisadores da interação dinâmica entre as dimensões do conflito e aspectos do desenvolvimento dos filhos, as pesquisas passaram a se orientar aos processos envolvidos no impacto do conflito na vida de crianças e adolescentes (Cummings & Davies, 2002). A perspectiva sistêmica familiar poderia servir para integrar o estudo do conflito conjugal no contexto amplo da família, já que essa orientação teórica enfoca os processos familiares (Cox & Paley, 1997; Cummings & Davies, 2010; Grych & Fincham, 2001). Entretanto, a compreensão do fenômeno desde a perspectiva sistêmica ainda não foi muito explorada nas pesquisas sobre o assunto.

Em sua maioria, as pesquisas internacionais que investigam os processos relacionados aos filhos orientam-se pelos Modelos Cognitivo-contextual (Grych & Fincham, 1990) e da Segurança Emocional (Davies & Cummings, 1994). Nesse sentido, os principais aspectos relativos aos filhos são a avaliação, os sentimentos e as estratégias de enfrentamento, que podem ser entendidas como dimensões psicológicas inter-relacionadas.

A avaliação inclui a forma como os filhos interpretam o conflito, dimensão psicológica que tem sido medida em pesquisas quantitativas principalmente através de uma escala (Grych, Seid, & Fincham, 1992) que mede a percepção de ameaça, culpa e eficácia do *coping* dos filhos em relação aos conflitos. Percepções de ameaça, culpa, baixa eficácia têm sido associadas a conflitos intensos, frequentes e que versam sobre os filhos (Grych & Fincham, 1993; Wild, Martin, & Richard, 2003).

Os sentimentos dos filhos têm sido investigados no contexto internacional através de pesquisas que medem as reações emocionais dos filhos em relação aos conflitos dos pais. Com relação às respostas emocionais dos filhos, a literatura tem documentado sentimentos de culpa, tristeza, medo de que os pais se separem ou se agredam, ou de que sejam agredidos pelos pais (Davies & Cummings, 1994; Wild et al., 2003). As reações

emocionais dos filhos variam de acordo com o manejo dos conflitos pelos pais. Estratégias positivas dos pais associam-se a sentimentos positivos nos filhos, enquanto táticas destrutivas dos casais associam-se a emoções negativas nos filhos (Cummings, Goeke-Morey, & Papp, 2003).

As estratégias de enfrentamento referem-se aos comportamentos adotados pelos filhos para lidar com os conflitos dos pais. Nesse sentido, frente ao conflito conjugal os filhos podem buscar apoio emocional, intervir no conflito, adotar comportamentos para descarregar sentimentos negativos, e se afastar (Shelton & Harold, 2007; Koss et al., 2011, Nicolotti, El-Sheikh, & Witson, 2003).

Embora a forma como os filhos percebem, sentem e lidam com o conflito dos seus pais seja pesquisada de forma expressiva no contexto internacional, no Brasil as pesquisas sobre essa temática ainda são muito escassas. O estudo qualitativo de Toloí (2006) é uma exceção. Nessa pesquisa, o entendimento e as estratégias de enfrentamento frente aos conflitos foram investigados em 45 adolescentes, através de sociodramas temáticos, um com filhos de pais separados e outro com filhos de famílias intactas. As principais estratégias adotadas pelos adolescentes foram tentativas de modificar o estresse, como se distrair com atividades, chorar, conversar com amigos e com o cachorro, e também intervir no conflito. Os grupos não diferiram quanto às estratégias (Toloí, 2006).

Apesar de bastante significativas, as pesquisas internacionais investigam, sobretudo através de abordagem quantitativa, determinados aspectos do desenvolvimento dos filhos em relação aos conflitos conjugais. Há uma carência bastante expressiva de estudos tanto internacionais como nacionais, que investiguem, desde uma perspectiva qualitativa, o modo como os filhos falam, percebem, pensam, sentem e reagem aos conflitos conjugais dos pais. Nesse sentido, este estudo pretende contribuir buscando conhecer a visão dos filhos sobre os conflitos conjugais, bem como descrever a forma como esses explicam, se sentem e lidam com tais situações familiares no contexto da família brasileira.

## **Método**

### **Participantes**

Participaram desse estudo 17 estudantes de uma escola pública, de ambos os sexos, que coabitavam com suas famílias. Os participantes foram divididos em dois grupos por faixa etária: (a) oito crianças de 8 e 9 anos, 4 meninas e 4 meninos; e (b) 9 adolescentes de 12 e 13 anos, 4 meninos e 5 meninas. Os sujeitos foram acessados a partir da sua escola e convidados a participar do estudo diretamente pela equipe de pesquisa. Na ocasião do convite, os alunos receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para solicitar, junto aos seus pais, a autorização para participação no estudo. Os grupos focais foram agendados com antecedência de 15 dias com os participantes e anuência de seus professores. Durante esse período, a equipe compareceu à escola para recolher as autorizações e lembrar os participantes acerca do dia da realização da pesquisa. Isso foi feito com o objetivo de facilitar a familiarização dos participantes com os pesquisadores e, assim, favorecer a discussão do grupo focal, aumentando as chances de sucesso da coleta.

### **Instrumentos e Procedimentos**

Utilizou-se a técnica do grupo focal (Morgan, 1997). Embora essa estratégia de pesquisa seja tradicionalmente mais usada com adultos, a literatura especializada defende que crianças e adolescentes são capazes de participar dessa técnica de forma expressiva (Stewart, Shamdasani & Rook, 2007). O uso dessa técnica com crianças e adolescentes parte da premissa que esses participantes são especialistas na sua experiência com o tema da pesquisa (Fargas-Malet, McSherry, Larkin, & Robinson, 2010).

Apesar das potencialidades do uso desta técnica com crianças e adolescentes, alguns cuidados devem ser observados como, por exemplo, a adoção de estratégias para facilitar a coesão do grupo (Stewart, Shamdasani, & Rook, 2007). Nesse sentido, adotou-se o limite da diferença de idade entre os participantes a um ano, conforme recomendação de Kennedy, Kools e Krueger (2001). Para tornar a coleta dos dados mais interessante para os participantes, seguiu-se a recomendação da literatura de inclusão de atividades diversificadas no encontro do grupo focal (Hernessy & Heary, 2005). Todos os procedimentos metodológicos utilizados na dinâmica do grupo focal e descritos a seguir foram usados na compreensão dos aspectos investigados.

Cada grupo focal teve um encontro único, com duração aproximada de uma hora e meia, realizados na escola em turno letivo. A moderadora do grupo contou com o apoio de dois auxiliares de pesquisa. Esses auxiliares, previamente treinados, fizeram o registro dos comportamentos não-verbais dos participantes, observação da dinâmica grupal e operação dos equipamentos de gravação (áudio e vídeo). A condução de ambos os grupos orientou-se por um único roteiro de atividades, previamente testado em um estudo piloto.

Segundo a recomendação de Morgan, Gibbs, Maxwell, e Britten (2002), a moderadora estabeleceu, em conjunto com os participantes, normas para o funcionamento do encontro, como a importância do sigilo das informações compartilhadas e o respeito mútuo. Entre as combinações feitas, estava o direito de cada um de falar e de ser ouvido, e o acordo sobre como pedir a palavra. As normas foram escritas em um cartaz e ficaram expostas durante todo o encontro, para visualização por parte dos participantes e para retomada pela moderadora, em caso de necessidade.

Os participantes e a moderadora identificaram-se através da colagem de uma etiqueta com o primeiro nome, com o objetivo de favorecer a integração e o registro das falas das crianças e adolescentes. Iniciou-se o encontro com um *rapport* acerca da universalidade do conflito conjugal nas famílias. Em seguida, convidou-se o grupo a definir o conflito conjugal. Posteriormente, como atividade quebra-gelo, seguiu-se a confecção de um desenho sobre o tema “Os filhos e os conflitos dos pais”. A partir de uma adaptação da técnica *draw and tell* (Driessnack, 2005), após a composição do desenho os participantes foram encorajados a falar sobre a sua produção gráfica para o grupo.

Depois de falar sobre o desenho, foram propostas questões de orientação aos participantes para guiar a discussão, sendo as principais: Quais são, na opinião de vocês, as causas dos conflitos entre os pais? Como os filhos se sentem quando percebem que os pais estão brigando? Que tipo de coisa os filhos fazem quando percebem que os pais estão enfrentando um conflito?

Após a discussão das questões de orientação, os participantes construíram dois cartazes em conjunto. Um sobre as coisas boas, e outro sobre as coisas ruins que podem resultar dos conflitos entre os pais. A partir da orientação acerca da liberdade para usar colagens de figuras e palavras, os participantes tiveram a sua disposição canetas, revistas, cola e tesoura. Após a confecção de cada cartaz, os participantes foram encorajados a clarificar as ideias representadas nos cartazes, com comentários e explicações.

Para finalizar o encontro, foram reiterados os agradecimentos pela participação e as questões de sigilo. Finalmente, os participantes foram convidados a avaliar a sua participação na pesquisa. Pretendeu-se, através desses procedimentos de encerramento do grupo focal, avaliar se todos os participantes sentiam-se bem e, assim, finalizar a sessão de forma positiva.

No geral, ambos os grupos participaram de forma efetiva de todas as atividades, no entanto, com dinâmicas grupais diferentes. O grupo de crianças comportou-se de forma dispersiva em alguns momentos. Por vezes, alguns participantes fizeram gracejos que provocaram risos no grupo, exigindo uma postura mais diretiva da moderadora para garantir o foco nas atividades. Além disso, a discussão do grupo de crianças foi marcada por respostas curtas e, por vezes, pouco argumentadas. O grupo de adolescentes, por outro lado, caracterizou-se por um comportamento mais engajado, discutindo o tema de forma mais profunda e articulada.

## **Resultados e Discussão**

Os dados coletados foram transcritos na íntegra, e, posteriormente, analisados a partir do referencial de Olabuénaga (1999), aqui descritos. Apresenta-se a visão de crianças e adolescentes em separado, devido às peculiaridades de cada faixa etária. A categorização dos achados foi feita com base nas proposições dos Modelos Cognitivo-contextual (Grych & Fincham, 1990) e da Segurança Emocional (Davies & Cummings, 1994). Chegou-se a nove categorias que são apresentadas na forma de perguntas, estando os resultados relatados e discutidos de maneira a responder a essas questões. Foram usados nomes fictícios para proteger a identidade dos participantes.

### **A perspectiva das crianças**

#### **O que é *conflito conjugal* para as crianças?**

As crianças definiram o conflito conjugal como uma situação entre os pais que envolve ‘briga’, ‘discussão’, ‘muita confusão’, incluindo a ‘separação’. A agressão física também foi apontada como sinônimo de conflito conjugal, como, por exemplo, ‘pontapés’ e ‘cada um puxar o cabelo do outro’. Pode-se observar na fala das crianças que o conceito



de conflito conjugal varia desde uma discussão verbal até agressão física, incluindo nesse processo o desfecho da separação em determinadas ocasiões.

### **Quais são os temas dos conflitos entre os pais?**

Segundo as crianças, os pais brigam ‘por qualquer coisa’. As brigas dos pais versam principalmente sobre cobranças de um membro do casal em relação ao outro. Entre as demandas dos cônjuges, as crianças destacaram brigas sobre (a) cuidados com os filhos, (b) distribuição das tarefas domésticas, (c) trabalho, e (d) tempo dedicado ao esporte.

As cobranças que incluem o cuidado com os filhos foram exemplificadas por Francisco (8 anos), que relatou que seu pai ‘reclama’ com sua mãe que ‘ela só fica deitada’ e não dá atenção ao filho. Nessa mesma direção, Gustavo (8 anos) ilustrou dizendo que enquanto seu pai está trocando as fraldas do seu irmão, ele briga com a mãe cobrando que ‘ela só fica assistindo TV e no computador’.

A cobrança pela divisão das tarefas domésticas também costuma ser tema de conflito, conforme comentou Gustavo (8 anos): ‘às vezes meu pai e minha mãe brigam por causa que a minha mãe não fez aquilo, meu pai não fez aquilo (referindo-se aos afazeres domésticos)’. Da mesma forma, Alice (8 anos) reforçou a opinião do grupo acerca disso, compartilhando que sua mãe ‘só fica deitada’ e o seu pai ‘tem que fazer tudo e chega a ficar com dor nas costas por causa disso’.

O trabalho também pode ser o tópico do conflito para casais que trabalham juntos, como acontece com os pais de Gustavo (8 anos): ‘eles tem um restaurante e eles sempre ficam brigando no restaurante’. Entretanto, esse participante se limitou a lembrar que o trabalho pode ser um tópico do conflito, sem detalhar o conteúdo desse tipo de discussão. Brigas sobre a cobrança da mãe em relação ao tempo que o pai dedica ao futebol acontecem na família de Bernardo (9 anos): ‘meu pai demora muito para parar de jogar futebol’.

A quantidade expressiva de temas de conflito conjugal levantados pelas crianças leva a crer que, possivelmente, essas situações são recorrentes no contexto familiar. Ao mesmo tempo, as falas das crianças denotam capacidade de discernimento de diferentes assuntos sobre os quais os pais podem brigar. Todos os temas apontados pelas crianças estão documentados na literatura como tópicos de conflitos entre os casais (Papp, Cummings, & Goeke-Morey, 2002). Isso indica que a sua percepção é abrangente e

aproxima-se daquilo que os casais relatam em pesquisas específicas sobre temas de conflitos.

### **Com que frequência os pais brigam?**

De acordo com a vivência das crianças, a frequência das brigas é variada. Enquanto alguns referem que os pais ‘brigam pouco’, na percepção de outros, os pais ‘vivem brigando’. Nessa perspectiva, a frequência dos conflitos aparece associada à percepção das crianças sobre a qualidade do relacionamento dos pais. Aquelas crianças cujos pais ‘vivem brigando’ (Camila, 9 anos) consideram que o relacionamento deles é ‘horrível’. Para outros, em contrapartida, o relacionamento dos pais é visto como positivo em função da baixa frequência dos conflitos, conforme comentário de Bernardo (9 anos): ‘eu acho que meus pais se relacionam bem porque eu acho que eles não brigam. Eles brigam só uma vez por mês, mais ou menos’. Houve, ainda, quem se posicionasse entre esses dois extremos, como revela depoimento de Fernando (9 anos): ‘é mais ou menos porque às vezes brigam às vezes não’.

### **Como as estratégias de resolução adotadas pelos pais se expressam?**

A percepção das crianças sobre a expressão do conflito conjugal parece estar relacionada ao tom afetivo das interações entre o casal durante as brigas. Nesse sentido, há um destaque para a hostilidade, que pode partir de ambos os membros do casal. No caso da hostilidade masculina, Gustavo (8 anos) comentou: ‘às vezes meu pai chama ‘qualé cara’ pra minha mãe’. Já a hostilidade feminina foi exemplificada por Alice (8 anos): ‘às vezes meu pai faz carinho na minha mãe e ela larga as patas nele’.

O tom afetivo da interação do casal durante a briga pode inclusive acabar sendo direcionado aos filhos, segundo sugeriu Camila (9 anos): um dia meu pai falou pra mim (durante o conflito conjugal) ‘cala a boca’. O relato de Camila parece ilustrar o efeito *spillover*, no qual o tom afetivo do relacionamento conjugal invade o relacionamento dos pais com os filhos (Erel, 1995; Krishnakumar & Buehler, 2000; Mosmann & Wagner, 2008). Camila completou sua fala referindo que os pais podem falar ‘palavrões’ durante uma discussão, atitude considerada por ela como um ‘mau exemplo’.

É interessante notar na fala dessa criança o reconhecimento de que o relacionamento dos pais pode ser tomado como um modelo de relacionamento social para os filhos. A imitação que os filhos fazem do comportamento dos pais, baseada no conceito

de modelagem proposto por Bandura, (1973, 1977), tem sido defendida por muitos pesquisadores, especialmente para argumentar que os filhos podem aprender com os pais estratégias positivas e negativas de resolução de conflitos (Cummings & Davies, 2010; Davies & Cummings, 1994; Grych & Fincham, 1990).

Entretanto, na discussão do grupo, a modelagem ficou restrita ao exemplo negativo de comportamento. Talvez isso tenha acontecido porque aqueles conflitos que se expressam de uma forma destrutiva chamam mais a atenção dos filhos do que aqueles que se manifestam de maneira positiva. Nesse sentido, pode ser que, para as crianças, o tom emocional do conflito seja um fator de maior saliência na sua percepção da expressão do conflito.

Na visão das crianças, os pais podem utilizar várias estratégias para resolver seus conflitos conjugais. Os pais podem, por exemplo, discutir e se afastar, ficando ‘um dia sem se falar, ou uma semana’ (Alice, 8 anos). Como um exemplo, Nicole (9 anos) relatou que os pais utilizam uma forma de comunicação escrita: ‘normalmente meu pai tá dormindo e a minha mãe faz as coisas, daí minha mãe reclama e aí o meu pai tem que fazer massagem, só que daí a minha mãe não quer a massagem, meu pai recusa e aí minha mãe recusa também e daí eles se mandam cartas, dizendo que se odeiam bambambam e daí a minha mãe diz que vai quebrar o vidro e aí meu pai diz que não vai pagar’. Segundo a participante, seus pais se mandam cartas por medo de falar diretamente um com o outro.

Quando questionada pela moderadora se já teria lido essas cartas, a participante negou, relatando que os pais as mantêm no âmbito conjugal e que ela própria não tem interesse em lê-las. A partir da informação de que a menina não lê essas cartas, pode-se supor, portanto, que a atribuição do afeto agressivo em seu conteúdo tenha sido uma inferência da criança, provavelmente baseada na cena de conflito presenciada.

Nesse exemplo, embora haja ameaça de danificação de objetos durante o conflito, a estratégia de comunicação via cartas pode revelar uma tentativa desses pais de proteger os filhos frente às possíveis repercussões negativas da exposição a determinadas verbalizações. Ao mesmo tempo, a não necessidade de ler as cartas, pode estar indicando uma estratégia de autoproteção da criança frente ao conflito dos pais.

A submissão também se revelou como uma forma de resolução, latente na fala de Nicole (9 anos): ‘a minha mãe às vezes não quer cozinhar, aí às vezes meu pai quer uma coisa, aí ela faz um sanduíche, daí meu pai joga na cara dela, daí o meu pai não quer o sanduíche, daí minha mãe tem que fazer outra coisa pra ele’. A agressão física também foi

apontada como uma forma de resolução, como se observa no comentário de Alice (8 anos): ‘bateção, batendo um no outro’.

Percebe-se que predominam estratégias negativas de resolução de conflitos na fala das crianças, como a submissão, o afastamento, a hostilidade e até mesmo a agressão. Essa percepção das crianças acerca das táticas dos pais de manejo dos conflitos pode ser interpretada com base no Modelo da Segurança Emocional (Davies & Cummings, 1994). Nesse sentido, a prevalência de estratégias negativas na percepção das crianças poderia ser um sinal de que elas tendem a estar mais atentas aos sinais de conflitos destrutivos, que ameaçam mais fortemente seu senso de segurança emocional (Davies & Cummings, 1994). Além disso, pode ser que as crianças prestem mais atenção à negatividade das interações entre os pais na tentativa de extrair o significado do comportamento dos pais durante o conflito (Crockenberg & Lagncrock, 2001).

### **Como as crianças explicam o conflito conjugal?**

As crianças procuram explicar os conflitos entre os pais, com tentativas de identificar as suas causas (Grych & Fincham, 1990). Nesse sentido, as características da personalidade de um dos cônjuges parecem ser consideradas como um fator gerador de conflito conjugal, conforme análise de Camila (9 anos): ‘eu não sei bem, o meu pai é muito estressado e a minha mãe fica triste em relação a ele’. Da mesma forma, os comportamentos de um dos cônjuges parecem ser identificados como uma das causas dos conflitos: ‘o meu pai também vê muito filme de terror à noite e ele fica muito estressado com os filmes agitados dele e daí no trânsito ele briga muito com a minha mãe’ (Camila, 9 anos).

Além de identificar causas alheias a si próprias, as crianças podem ser levadas a se perceber como as responsáveis pela ocorrência do conflito entre os pais, conforme se nota no trecho da discussão:

Alice: ...é que o meu pai e minha mãe, quando a gente vai sair eles sempre brigam e é por isso que a gente nunca sai.

Moderadora: E porque eles brigam na hora de sair?

Alice: ...o meu pai não quer pegar o carro, aí a minha mãe é que tem que pegar, aí ela não quer ...

Moderadora: Aí é a tua mãe é que tem que dirigir, é isso?

Alice: É, e ele não gosta por que... ela é horrível no trânsito.

Moderadora: E eles acabam brigando por causa da direção no trânsito.

Alice: É. E botam depois a culpa em mim.

Moderadora: Em ti, como assim?

Gustavo: Porque ela não dirigiu.

Alice: É porque às vezes eu quero sair. Aí dá discussão.

Em conjunto, as evidências sobre as explicações das crianças acerca das discussões dos pais, sugerem que elas extraem informações do contexto imediato do conflito para estimar as suas causas e assim significar as brigas entre eles (Davies & Cummings, 1994; Grych & Fincham, 1999). Portanto, percebe-se que as crianças estão atentas aos episódios de conflito, extraíndo do contexto informações para compreendê-los. Bruna (8 anos) relatou, por exemplo, que consegue ouvir a discussão dos pais mesmo não estando no mesmo recinto, pois durante a ocorrência de algumas cenas de conflito em casa: ‘eles (pais) tavam na sala e eu (Bruna) no quarto ao lado’. No mesmo sentido, outra participante exemplificou que os pais ‘brigam na frente da porta’ do seu quarto. Embora os filhos possam, por vezes, estar expostos ao conflito conjugal, um participante lembrou que nem sempre os pais brigam na frente dos filhos. Essa informação pode revelar que os filhos fazem inferências de que os pais tenham brigado, mesmo sem terem assistido ao conflito. Isso pode acontecer em decorrência da percepção da criança acerca do clima emocional das interações entre os pais (Cummings, Simpson, & Wilson, 1993).

Na visão das crianças, os pais podem brigar na sua ausência. Esta atitude dos progenitores está em acordo com achados de Papp, Cummings e Goeke-Morey (2002), que também referem em suas pesquisas que a maior parte dos conflitos ocorre na ausência dos filhos, sugerindo que os pais tendem a proteger os filhos da sua exposição. Contudo, os mesmos pesquisadores encontraram que naqueles conflitos em que os filhos estavam presentes, as brigas mostraram-se mais negativas em sua expressão. Essa evidência também concorda com a perspectiva das crianças que participaram do grupo focal, já que essas reconhecem que alguns conflitos ocorrem na ausência dos filhos, mas, notadamente, percebem como predominantemente negativos aqueles que acontecem em sua presença.

### **Como as crianças se sentem frente ao conflito conjugal?**

Quando questionados sobre os sentimentos dos filhos frente ao conflito conjugal, as crianças relataram se sentir ‘mal’ e ‘tristes’, enfatizando que se sentem ‘isoladas’ e com

‘medo’. Durante a discussão o grupo não se ateve a explicar o sentimento de tristeza, entretanto, as crianças explicaram o porquê de se sentirem isoladas e com medo. Para lidar com as brigas diárias dos pais sempre que o pai chega do trabalho, Camila (9 anos) relatou que se isola: ‘vou pro meu quarto, leio o meu livro e durmo’. Quando questionada, Camila concordou que o sentimento de isolamento vem da sua estratégia de ir para o quarto frente a um episódio de conflito. Assim, o isolamento aparece como uma estratégia das crianças de enfrentamento do conflito. Desta forma, entende-se que embora as crianças adotem comportamentos considerados adaptativos como o afastamento da cena conflituosa e a distração com atividades prazerosas (Nicolotti, El-Sheikh, & Whitson, 2003), sentimentos negativos podem ser gerados a partir dessas estratégias. Por outro lado, o significado do medo mostrou-se ligado ao temor de que os conflitos possam culminar na separação dos pais. Entretanto, nem todos os participantes referiram sentir esse medo, como se observa no trecho da discussão:

Moderadora: ...medo do quê?

Fernando: Medo de que meus pais vão se separar.

Gustavo: Eu também.

Francisco: Eu não sinto esse medo.

Bernardo: Eu também não.

A interpretação dessas evidências à luz do Modelo da Segurança Emocional (Davies & Cummings, 1994) permite conjecturar acerca das diferenças entre as crianças quanto ao sentimento de medo. De acordo com essa perspectiva teórica, aquelas crianças que referem sentir medo que os conflitos dos pais terminem em separação, possivelmente percebem o conflito como um evento que perturba o seu senso de segurança emocional. Ou seja, o medo pode ser uma resposta ao conflito como um evento capaz de levar à separação dos pais e, por esta razão, representa uma ameaça ao bem-estar da criança e da família. De outro modo, possivelmente para aquelas crianças que não temem a separação dos pais como uma decorrência do conflito, o conflito não representa uma ameaça ao seu senso de segurança.

### **Como as crianças lidam com o conflito conjugal?**

As crianças relataram empreender esforços para lidar com as cenas de conflito entre os pais, manifestos em diferentes estratégias. Nesse sentido, as crianças podem optar por

(a) não fazer nada, (b) presenciar a briga, porém, fingindo que não estão vendo, (c) assistir a briga, e (d) intervir.

Moderadora: Que tipo de coisa os filhos fazem quando os pais estão brigando?

Alice: Eu fico deitada vendo revista e finjo que não vi.

Nicole: Eu olho eles brigar (fala baixinho).

Moderadora: E o que mais?

Camila: Eu né, eles já ó, ó, numa briga eles já falam de mim. Numa briga eles falam de mim ó ‘tu tá dando exemplo pra Camila. E aí eu já entro na briga, hei, não gosto dessas coisas.

Fernando: E eu tento separar os dois.

Moderadora: E tu tenta separar os dois?

Fernando: Aha.

Camila: É péssimo.

Bruna: Eu não faço nada.

Quando questionadas sobre a sua motivação para intervir no conflito, as crianças responderam que os filhos podem fazer isso ‘porque às vezes as brigas são muito feias’. O envolvimento foi claramente declarado como uma estratégia dos filhos, cujo objetivo é tentar ‘separar’ os pais, no sentido de interromper o curso do conflito. Dessa forma, a motivação para intervenção parece estar relacionada à expressão do conflito. Ou seja, quando os filhos avaliam que o conflito está se tornando muito intenso, eles podem agir intencionalmente, provavelmente para tentar cessá-lo. Especula-se que esse comportamento de intervenção poderia, ainda, ser entendido como uma tentativa das crianças de se fazer notar pelos pais durante o episódio de conflito, talvez para que o casal perceba que o desentendimento tornou-se uma preocupação para elas.

Embora a efetividade da intervenção não tenha sido explorada na discussão, é possível fazer conjeturas sobre a atitude dos filhos de tentar separar os pais durante a briga. Isto é, se por um lado o sucesso desse comportamento pode ser efetivo para acalmar a criança, por outro pode colocá-la em risco, já que, por vezes os conflitos se expressam de forma agressiva. Embora o envolvimento tenha sido apontado por algumas crianças, alguns participantes parecem fazer pouco uso dessa estratégia (‘eu não separo muito, eu nunca reajo’) enquanto outras negaram agir dessa forma (‘eu não separo nunca’).

### **Quais as consequências negativas do conflito?**

Quando questionados sobre as consequências negativas do conflito entre os pais, a desconfiança e a traição foram as repercussões mais lembradas pelo grupo como um todo. As crianças contribuíram para a discussão com exemplos que ilustram essa percepção. A falta de confiança foi demonstrada pelo comentário de Bernardo (8 anos): ‘ela (mãe) tá querendo saber se ela está sendo traída’. Já a infidelidade pode ser evidenciada nas falas de Nicole (9 anos): ‘(o pai) pode ter uma amante’ e no comentário de Gustavo (8 anos): ‘o cara traindo a mulher quando a outra mulher tá no emprego’. Embora as crianças tenham dado essas respostas, não está claro nas suas falas se de fato a traição e a desconfiança são causas ou consequências do conflito conjugal.

Ainda que de forma difusa ao longo da discussão, algumas falas das crianças sugerem que o conflito pode levar um dos pais a abandonar o lar, com a ruptura do vínculo familiar, conforme fragmento:

Camila: Um dia meu pai ficou... falou tanto com a minha mãe mal que a minha mãe quase foi embora de casa.

Moderadora: Mesmo? E ela chegou a dizer que ia embora?

Camila: Ela chegou, mas não foi. Mas quase.

Moderadora: Quase foi... É, isso pode acontecer?

Camila: Aha, separação.

Bernardo: Romper para sempre.

Além de ser apresentada como uma repercussão ruim, a separação apareceu associada ao recasamento, em uma situação em que o pai ‘pode se separar e casar com outra mulher’ (Gustavo, 8 anos). Esse mesmo menino completou expondo que ‘ter uma madrasta ou um padrasto’ igualmente é uma consequência ruim do conflito. Além disso, no decorrer da discussão, Gustavo lembrou, que a ‘mãe pode virar lésbica’ em decorrência dos conflitos.

De forma superficial, um dos participantes lembrou, ainda, que o alcoolismo pode ser uma das consequências negativas do conflito entre os pais. Por fim, outra reverberação negativa do conflito foi apresentada na fala de Bruna (8 anos): ‘o meu pai fica falando da minha mãe pelas costas, enquanto ela vai trabalhar de noite ele fica falando dela’. Percebe-se que a criança associa ao conflito o comportamento do pai de ‘falar mal’ da mãe. Especula-se que esse tipo de atitude do pai pode gerar na criança sentimentos ambivalentes em relação a ele. Isto é, a criança pode se sentir dividida entre o amor que sente pelo pai, e



os sentimentos negativos despertados pelo comportamento do pai de maldizer a mãe (Crockenberg & Langrock, 2001).

A percepção das crianças sobre as consequências negativas dos conflitos, como ter uma madrasta e um padrasto, ou ainda, a separação e o recasamento podem ser interpretados como repercussões que representam a dissolução da família. Essa interpretação poderia se apoiar no Modelo da Segurança Emocional (Davies & Cummings, 1994). Isto é, a visão das crianças aponta que de alguma forma os conflitos poderiam levar à dissolução da família, e, nesse sentido, tais conflitos podem representar uma ameaça ao seu senso de segurança emocional.

### **Quais são as coisas boas que podem resultar do conflito?**

Com relação às repercussões positivas do conflito, as crianças apontaram dois aspectos. Um deles se refere ao recasamento, que apareceu como um desfecho positivo para os pais no caso do primeiro casamento infeliz culminar na separação, como se constata no comentário de Nicole (9 anos): ‘...eles se casaram, não eram felizes, aí se casaram de novo e ficaram felizes’. A possibilidade de harmonia familiar como resultado da formação de uma nova família é apontada na referência de Alice (8 anos) ao recasamento dos pais: ‘família feliz, são dois pais, duas mães’. Percebe-se uma ambivalência das crianças em relação ao recasamento, já que esse ora é visto como positivo, ora como negativo. Essa ambivalência pode ser o resultado de uma percepção infantil de que o recasamento dos pais pode significar tanto o rompimento definitivo do vínculo dos progenitores, como o restabelecimento da harmonia familiar após um novo casamento dos pais.

O namoro e as relações sexuais foram apontados pelas crianças como consequências boas do conflito conjugal. Embora não tenha sido possível explorar essas percepções, especula-se que os comentários de que os casais ‘fazem sexo’ e ‘namoram’ possivelmente estejam de alguma forma relacionados ao movimento dos pais em direção a resolução do conflito. Nesse sentido, a resolução seria a consequência positiva do conflito, ainda que a percepção das crianças esteja mais voltada para as trocas afetivas envolvidas no processo de reconciliação. Entretanto, não se podem fazer afirmações a esse respeito, dado que as crianças não discutiram esse assunto em profundidade suficiente para isso.

## **A perspectiva dos adolescentes**

### **O que é *conflito conjugal* para os adolescentes?**

Os adolescentes entendem o conflito conjugal como uma situação de oposição declarada entre os cônjuges, na qual há uma divergência de opiniões marcada pela dificuldade de entrar em acordo, que pode culminar na agressão física. A fala de Felipe (13 anos) mostrou-se bastante representativa do conceito discutido pelo grupo: ‘uma discussão de ideias, que eles (pais) não concordem e que vire um debate que às vezes pode levar à agressão física’. Os adolescentes utilizaram como sinônimos de conflito conjugal expressões como ‘briga’, ‘discussão’ e ‘discordância de ideias’.

É interessante notar que o conceito de conflito conjugal fornecido pelos adolescentes, assemelha-se à definição teórica desse construto por Fincham (2009), no qual há um destaque para a situação de oposição entre o casal. Entretanto, o conceito dos adolescentes considera que os conflitos são declarados, não reconhecendo que alguns conflitos podem ser velados, como defendem alguns pesquisadores (Fincham & Beach, 1999).

### **Quais são os temas dos conflitos entre os pais?**

Na visão dos adolescentes, os pais brigam ‘por tudo que é tipo de coisa’. Entretanto, o assunto ‘filhos’ é percebido como o principal tópico dos conflitos entre os pais. Um dos participantes defendeu que cerca de ‘90% das vezes é em torno do filho “por causa que o filho fez alguma coisa”, ou jogou um pai contra o outro, por exemplo. “O que eu quero dizer com ‘jogou um pai contra o outro’ é: pede pra um que deixa e pede pra outro que não deixa, aí fica aquela briga” (Felipe, 13 anos). Entretanto, alguns participantes discordaram: ‘não é só isso que acontece né, porque não é só o filho que importa no casal, tem outras coisas’ (Fabiana, 13 anos). Após debaterem a esse respeito, o grupo concluiu que cerca de 50% dos conflitos são sobre os filhos e que ‘50 % são *et cetera*’.

Essa percepção de que metade dos conflitos relaciona-se aos filhos, alinha-se com achados documentados na literatura, de que os conflitos em sua maioria versam sobre questões relativas aos filhos, como quem e quando deveria discipliná-los, diferenças no estilo parental, cuidados e comportamentos dos filhos (Papp et al., 2009). A acentuada

percepção dos filhos de que a maioria dos conflitos versa sobre eles também pode estar relacionada ao fato, já documentado em outras pesquisas (Grych & Fincham, 1993), de que os conflitos sobre os filhos são particularmente estressantes para esses.

O exemplo oferecido por Felipe (13 anos), em que os pais discordam sobre o manejo dos filhos, mostrou-se extremamente recorrente durante a discussão, com vários exemplos semelhantes mencionados por diferentes participantes. Provavelmente, vários fatores estejam implicados na explicação dessa percepção dos jovens sobre o fato deles sentirem-se o motivo mais recorrente das brigas de seus pais. Já está amplamente discutido e comprovado que nessa faixa etária, os filhos têm demandas que impõem aos seus pais um nível maior de reflexão e posicionamento nas decisões, como por exemplo, uma situação em que ‘o filho pede pro pai pra ir numa festa e o pai diz não, aí o filho pede pra mãe e a mãe diz sim’. A coerência entre o subsistema conjugal fica sendo testada de forma mais expressiva pelos filhos nessa fase da vida, pois os adolescentes, em meio a tantas assimetrias que se enfrentam em seu próprio desenvolvimento, necessitam de consistência nas atitudes parentais para que desenvolvam a capacidade de tomada de decisões próprias.

Ao mesmo tempo, se poderia entender que a visão dos participantes sobre os temas dos conflitos mostra um viés em seu foco, já que na adolescência a vida social dos filhos tem um investimento maior fora de casa. Nesse sentido, a necessidade de ter a permissão dos pais para sair de casa ganha saliência. Desta forma, poderia se explicar a referência intensa dos adolescentes acerca das demandas dos filhos pela autorização dos pais para participar de eventos fora de casa.

Uma das razões que parece dificultar a tomada de decisão dos pais quanto a liberar a saída de casa para as festas e passeios, aparece na fala dos participantes vinculada à preocupação com a segurança dos filhos. Pode-se fazer esta inferência a partir do exemplo de Alessandra (12 anos): ‘tipo, eu pedi pra minha mãe pra mim ir sozinha com a Valéria e a Rosana (amigas), daí tipo ela, a minha mãe, não deixou, daí o meu pai deixou, daí eles ficaram discutindo que eu não podia ir porque lá não era seguro, e a minha mãe falou que eu podia ser assaltada, esmagada, pisoteada’.

Também relacionada à vida social dos adolescentes, pais e mães discordam sobre as amizades dos filhos: ‘só sei que ela (mãe) sempre odiou minhas melhores amigas, isso gera um conflito entre o meu pai e a minha mãe porque o meu pai é super relax com essas coisas e a minha mãe é tipo muito, neurótica’ (Cláudia, 13 anos). Percebe-se, mais uma vez, que os adolescentes são conscientes das características de seus pais e, a partir desse

aspecto, explicam muitas das dificuldades enfrentadas por eles para chegar a um acordo.

Outro tema bastante recorrente de conflito na opinião dos adolescentes são os assuntos ligados às finanças, como por exemplo ‘compras’, ‘gastos’ e ‘dinheiro’. A análise das falas revelou que os tópicos ligados às questões financeiras mostraram-se fortemente presentes na percepção dos filhos. Isso pode ser um indício de que, nesta faixa etária, os adolescentes estão particularmente atentos a conflitos sobre esse tipo de tópico. Além disso, outra explicação possível é que a necessidade dos pais de administrar as finanças familiares e conciliá-las com as demandas financeiras dos filhos talvez levem alguns casais a discutir esse tipo de assunto na frente dos adolescentes. A exposição dos filhos a conflitos que versem sobre a gestão do dinheiro, talvez seja uma estratégia consciente dos pais para envolver os filhos adolescentes na administração desse problema. Seguindo essa linha de raciocínio, se poderia presumir que o casal discuta esse assunto na frente dos jovens na esperança de poder contar com a sua compreensão, reconhecendo nos adolescentes certo grau de maturidade para o entendimento da situação.

Questões ligadas ao próprio relacionamento conjugal também são tema de conflito na visão dos adolescentes, como o ciúme, a falta de confiança e o tempo que o cônjuge fica fora de casa. Nesse sentido, o ciúme apareceu ilustrado por Marcelo (13 anos): ‘por exemplo, se a tua mulher tem um amigo que ela não gosta, ou melhor, o teu marido não gosta, que tipo ele gosta dela, mas assim, ele já foi namorado dela daí o marido não gosta dessa amizade’. Em relação à falta de confiança, uma participante ilustrou seu ponto de vista com o exemplo de um casal de amigos do pai: ‘tipo, o meu pai tem um amigo que a namorada dele, o cara não pode sair sem avisar ela, daí passou um minuto ela quer saber onde ele tava, porque, quer saber com quem ele tava, desde quando ele tava, desde quando eles se conhecem, tem que ter uma ficha’ (Miriam, 13 anos). A respeito do tempo fora de casa, Marcelo (13 anos) relatou: ‘a minha mãe, até há alguns anos atrás, reclamava que o meu pai chegava tarde’.

Na identificação dos temas dos conflitos entre casal, os adolescentes mencionaram que os pais podem brigar por causa de parentes, como por exemplo ‘a sogra’. Ainda que de forma superficial, a política também foi lembrada como um mote de conflito. Tanto familiares como política são apontados na literatura como tópicos de conflitos entre casais. (Kurdek, 1995; Papp, Cummings & Goeke-Morey, 2009).

Pode-se observar uma diversidade de temas reconhecidos pelo grupo de adolescentes como geradores dos conflitos conjugais, os quais, muitos deles também foram

relatados por outras pesquisas sobre o assunto (Barth et al., 2011; Papp, Cummings & Goeke-Morey, 2009). Essas evidências indicam a aguçada capacidade dos filhos naquilo que se refere aos vínculos familiares, nesse caso a relação dos seus pais. Nesse sentido, percebe-se que, mesmo na adolescência, onde os interesses dos sujeitos estão mais voltados ao mundo extrafamiliar, aspectos conflituosos que dizem respeito ao relacionamento íntimo da família, seguem sendo relevantes e foco de atenção dos filhos.

### **Com que frequência os pais brigam?**

Embora a frequência dos conflitos não tenha sido especialmente valorizada na discussão pelo grupo, os dados revelam que os conflitos parecem ser bastante recorrentes no ambiente familiar, conforme explica Cláudia(13 anos): ... “o meu pai manda eu arrumar o meu quarto e minha mãe falando que eu não preciso arrumar aquela hora, que eu posso arrumar depois, hmm (pausa) e eu fico (pausa), com tédio.” A menina revela que esta situação “é comum, todo o dia” acontece a mesma coisa.

Essa fala da adolescente revela a forma intensa de como tendem a perceber determinados aspectos nessa fase do desenvolvimento. Por outro lado, também expressa a recorrência de conflitos familiares que não são encaminhados de maneira diferente possivelmente devido a falta de repertório do casal/pais para lidar com determinadas situações.

### **Como as estratégias de resolução adotadas pelos pais se expressam?**

Os conflitos conjugais parecem, por vezes, ficar sem solução. O impasse na negociação do ponto de vista de pais e mães acerca do manejo dos filhos mostrou-se muito presente em diversos momentos da discussão, revelando que os pais parecem ter dificuldade de encaminhar este tipo de conflito para algum grau de resolução.

As principais formas de administração do conflito apontadas pelos adolescentes incluem, além da rigidez da discordância, hostilidade através de ‘xingamentos’ e ‘palavrões’, podendo chegar à iminência da agressão (‘quase se agredindo’, Felipe, 13 anos). Ainda que de maneira mais modesta, os adolescentes fizeram referência também para o uso de estratégias assertivas. Nesse sentido, os pais podem fazer tentativas de reaproximação após o conflito visando a reconciliação, ou ainda adotar soluções focadas no problema. Um exemplo desse tipo de resolução foi oferecido por Felipe (13 anos). O

menino relatou que seu pai ‘chegou com um monitor e uma CPU nova’ porque sua mãe ‘não pára de reclamar do computador’.

### **Como os adolescentes explicam os conflitos conjugais?**

Os adolescentes parecem empreender esforços para compreender e explicar os conflitos conjugais dos seus pais (Grych & Fincham, 1990). As falas dos adolescentes parecem indicar que os filhos atribuem a causa dos conflitos, por vezes, à personalidade de um dos cônjuges. Nesse sentido, Ronaldo (12 anos) relaciona a causa dos conflitos à personalidade da mãe: ‘a minha mãe ela tá sempre com dor de cabeça, parece que ela nunca tá bem’. Da mesma forma, Felipe (13 anos) apóia essa ideia ao tentar explicar as causas dos conflitos entre os seus pais: ‘a minha mãe é muito alterada. Ela começa a xingar o meu pai’.

No mesmo sentido, na visão dos adolescentes, os conflitos podem ser gerados por comportamentos de um dos cônjuges que são desaprovados pelo outro membro do casal. Um exemplo disso é o comportamento dos pais de olhar imagens de outras mulheres e de assistir a vídeos de caráter sexual no computador, desaprovado pelas mães. Na opinião dos jovens esse tipo de atitude pode ferir os sentimentos das mulheres e acabar gerando conflito. Outro exemplo de reprovação de comportamento por parte de um dos cônjuges, foi oferecido na discussão por uma das jovens: ‘... a minha mãe fuma e o meu pai não gosta disso e ele briga com ela’ (Cláudia, 13 anos). Essa mesma jovem, no entanto, relatou que ‘defende’ a mãe sempre que se seu pai se posiciona dessa forma. Esse tipo de situação pode levar ao estabelecimento de alianças entre um dos membros do casal e o filho. Outro exemplo em que a fala do participante revela a possibilidade de formação desse tipo de aliança apareceu na discussão nas palavras de Ronaldo (12 anos): ‘uma filha escutando *funk*, igual tem na novela. A filha gosta de *funk* e o pai não gosta e a mãe dela gosta. Daí o pai dela fica brabo com a mãe e com a filha’.

Este tipo de aliança, chamada na literatura de coalisão, quando um membro se alia ao outro para ir contra um terceiro, pode ter consequências para a dinâmica das relações familiares. Nesse sentido, as coalisões entre um dos pais e os filhos podem afetar o relacionamento entre dois subsistemas, enfraquecer o subsistema parental, e prejudicar até mesmo o relacionamento entre os irmãos (Cox & Paley, 1997; Cox, Paley & Harter, 2001).

### **Como os adolescentes se sentem frente ao conflito conjugal?**

Os adolescentes referem que se sentem ‘mal’ em relação ao conflito entre os pais, valorizando especialmente o sentimento de culpa, alegando que talvez os filhos se sintam assim por terem provocado o conflito: ‘acho que ele (referindo-se ao filho) se sente mal, talvez com um sentimento de culpa por ter colocado o pai contra a mãe’ (Cláudia, 13 anos).

Um dos participantes (Ronaldo, 12 anos) relatou que após uma briga entre seus pais, a sua mãe ameaçou sair de casa. Esse episódio, classificado por Ronaldo como ‘triste’, fez com o jovem se sentisse ‘péssimo’ e ficasse imaginando esse desfecho ‘horrível’. A referência ao sentimento de tristeza foi feita apenas nesse exemplo, sendo o sentimento de culpa citado mais frequentemente durante toda a discussão.

Quando questionados sobre outros sentimentos possivelmente despertados pelo conflito, os adolescentes mencionaram que alguns filhos podem se sentir ‘felizes’ em função de ganhos secundários obtidos a partir da briga entre os pais. Entretanto, os adolescentes reconhecem que este tipo de atitude é adotado por filhos com ‘problemas psicológicos’, que intencionalmente provocam os conflitos entre os pais, para ‘se saírem beneficiados’.

Percebe-se que os filhos reconhecem a sua influência no relacionamento conjugal. Esses indícios sugerem que os adolescentes têm a capacidade de olhar o conflito desde uma perspectiva sistêmica da família. Ou seja, os adolescentes reconhecem que não só os conflitos afetam os filhos, como também os comportamentos dos filhos influenciam as brigas entre os pais (Jenkins, Simpson, Dunn, Rasbach, & O’Connor, 2005; Schermerhorn, Cummings, Decarlo, & Davies, 2007).

### **Como os adolescentes lidam com o conflito conjugal?**

A forma como os adolescentes lidam com o conflito parece ser influenciada por três fatores principais: (a) a estimativa de eficácia da sua intervenção, (b) a avaliação do risco que se colocam ao intervir, e (c) a busca por alívio do sentimento de culpa (Shelton & Harold, 2007).

Há indícios de que, frente a uma situação conflituosa, os adolescentes orientam seu comportamento a partir da avaliação que fazem acerca da eficácia da sua intervenção no conflito. Isto é, quando os filhos entendem que não há nada que possam fazer, eles não atuam na situação e se limitam a apenas ouvir a discussão ou a chorar trancados no quarto. Por outro lado, uma participante revelou que ‘tem vezes também que a criança pode

resolver o problema, vai lá e fala toda a verdade e daí os pais se dão conta' (Marina, 12 anos). Contudo, a maioria dos participantes mostrou-se descrente quanto à eficácia dessa estratégia, conforme manifestação de Marcelo (13 anos) apoiada pelos demais jovens: 'eu só vi isso em novela'.

Embora o grupo não tenha apoiado a visão de Mariana sobre o poder dos filhos de cessar o conflito entre os pais, os resultados de algumas pesquisas norte-americanas reconhecem esta possibilidade (Covell & Milles, 1992; Schermerhorn et al., 2007). Contudo, as razões para que os pais parem de brigar a partir da intervenção dos filhos nos episódios dos conflitos são discutidas na literatura.

Nesse sentido, o sucesso da interferência dos filhos no conflito pode estar menos relacionado à eficácia dessa ação em si, e mais ao fato de que esse tipo de comportamento ajuda os pais a se dar conta de que o conflito está chegando a um nível preocupante para os filhos (Covell & Milles, 1992; Schermerhorn et al., 2007). Assim, ao tomar consciência disso, os pais podem interromper o curso do conflito como uma tentativa de proteger os filhos. Os filhos, por outro lado, podem ser levados a entender que são capazes de acabar com o conflito na medida em que, por vezes, a briga cessa após a sua intervenção.

Além de avaliarem as chances de eficácia da sua intervenção, os adolescentes também parecem fazer uma avaliação quanto ao risco que se colocam ao intervir. Nesse sentido, uma participante explicou que quando tenta defender sua mãe durante uma discussão conjugal seu pai diz para ela 'calar a boca e fica bem quieta que o assunto é entre nós (casal)' (Cláudia, 13 anos). O tom afetivo da fala do pai parece ser tomado claramente pela adolescente como um sinal para que a filha não se intrometa. Os adolescentes alegaram que podem decidir por não interferir no conflito, porque 'se tu vai te meter tu piora a situação'. Ao explorar o significado de 'sobrar pra criança', os adolescentes elucidaram essa expressão com exemplos:

Marcelo: Sempre sobra!

Felipe: Alguma coisa de ruim vai acontecer com ela porque ela (pausa).

Moderadora: Por exemplo? Me dêem exemplos.

Fabiana: Vão xingar ela.

Guilherme: Podem colocar de castigo.

Marina: Podem bater.

Alessandra: Apanhar.



Nas falas dos participantes revela-se a ideia de que a avaliação do risco parece estar ligada à capacidade de autoproteção. Ou seja, a decisão de não intervir no conflito parece ser tomada conscientemente com o objetivo de se resguardar das implicações negativas que possam advir da sua intromissão no episódio de conflito. Com base nas falas dos adolescentes, observa-se que essas repercussões consistem em punições pela intromissão no conflito entre os pais, que podem ir desde alguma forma de castigo até agressão física.

O sentimento de culpa foi bastante valorizado pelo grupo durante a discussão. Quando indagados sobre como os filhos lidam com esse sentimento, os participantes responderam que os filhos podem chegar a se autoagredir, como se cortar ou, em uma atitude extrema, tentar se matar. O objetivo, com esse tipo de atitude, segundo o grupo de adolescentes, seria o de tentar acabar com a discussão no caso de se sentirem responsáveis pela sua origem. Entretanto, especula-se que a partir desses comportamentos os adolescentes também busquem o alívio imediato do sentimento de culpa, porém com efeitos prejudiciais para a sua integridade física. Durante a discussão desse tópico, os adolescentes lembraram-se do caso de uma cantora adolescente internacional que se cortou. Entretanto, após exploração mais detalhada na discussão acerca das motivações que teriam levado a cantora a se autoagredir, percebe-se que os conflitos conjugais dos pais eram apenas um entre os diversos problemas que a artista enfrentava, como dificuldades no seu relacionamento com o pai e, principalmente, o *bullying*. De qualquer maneira, é preocupante que os adolescentes considerem esse tipo de atitude como uma das formas de enfrentamento. Por outro lado, percebe-se também o quão prejudicial para os filhos pode ser a sensação de ser a causa do conflito entre os seus pais.

De um modo geral, se poderia dizer que os adolescentes usam estratégias de enfrentamento incluídas em duas classes de ações: uma focada na resolução do problema (modificação do curso do conflito) e outra na emoção (regulação das emoções) (Cummings & Davies, 2002; Kerig, 2001).

### **Quais as consequências negativas do conflito?**

Como ‘coisas ruins’ que podem resultar dos conflitos entre os pais, os adolescentes apontaram para situações que têm repercussões na conjugalidade e no comportamento dos filhos. As consequências negativas para o casal incluem (a) a traição, (b) a separação, (c) o

recasamento, e (d) o alcoolismo. Já a repercussão para os filhos abrange mudanças no seu comportamento.

Na esfera do relacionamento conjugal, a traição foi identificada de forma clara e unânime pelo grupo como uma consequência negativa do conflito, sendo ilustrada durante a discussão pelo exemplo oferecido por Alessandra (12 anos): ‘quando eu era pequena ..., a minha mãe e o meu pai brigavam muito e daí ele acabou traindo ela’. No mesmo sentido, a separação mostrou-se uma consequência negativa do conflito que parece estar especialmente ligada à traição. Outra repercussão do conflito apontada pelos adolescentes foi o surgimento de uma nova família, após o desenlace da separação dos pais.

O alcoolismo masculino (‘o homem ser bêbado’) foi apontado também como uma repercussão do conflito, podendo levar o homem a agredir a mulher: ‘quando o homem bebe ele nem sabe o que está fazendo na mulher aí dá o conflito’. Percebe-se que o alcoolismo ora é referido como a causa, ora como a consequência do conflito. Independentemente de poderem identificar as causas ou consequências do conflito, os adolescentes denotam aptidão para reconhecer questões adjacentes que de alguma forma se conectam ao contexto do conflito. A percepção dos jovens de que o álcool está relacionado à violência doméstica demonstra que já no início da adolescência os filhos mostram-se capazes de reconhecer hábitos pessoais nocivos que prejudicam a dinâmica do relacionamento familiar.

Além de afetar o relacionamento do casal, o conflito que resulta em separação pode influenciar negativamente o comportamento dos filhos. Conforme comentou Marina (12 anos), uma amiga sua modificou seu comportamento a partir da exposição aos conflitos e da separação dos pais: ‘depois que começou a ouvir brigas dos pais e os pais se separaram ela pegou e começou a mudar totalmente, ela começou a colocar *piercing*, tatuagem, fazer essas coisas. O grupo reforçou esse comentário, acrescentando que os filhos podem ‘usar drogas’ e mudar de ‘humor’ e ‘companhias’. Entretanto, como se observa na fala de Marina (12 anos), as mudanças no comportamento não estão associadas apenas aos conflitos, mas também à separação.

Embora o objetivo dos filhos com essas atitudes não tenha sido explorado de maneira clara na discussão, pode-se especular a esse respeito. Talvez essas mudanças no comportamento sejam manifestações dos adolescentes no sentido de chamar a atenção dos pais para distraí-los de alguns dos seus conflitos conjugais. Essas atitudes dos adolescentes podem ser entendidas, desde uma visão sistêmica da família, como tentativas dos filhos de

se oferecem como membros problemáticos com o objetivo de desviar o foco do problema e manter a homeostase do sistema familiar (Kerig, 1995; Rios Goanzález, 1994).

### **Quais são as coisas boas que podem resultar do conflito?**

Os adolescentes apontaram para diferentes repercussões positivas do conflito. Uma das implicações do conflito na opinião de Guilherme (12 anos) é que ‘a mulher pode se arrumar mais para ficar bonita para o marido’, possivelmente em referência ao movimento da mãe em direção à reconciliação. Alguns adolescentes referiram que ‘um bebê’ pode ser uma consequência boa do conflito entre os pais. Entretanto, quando solicitados a clarificar essa ideia, os adolescentes não desenvolveram uma argumentação consistente para justificar a sua opinião. Os poucos argumentos daqueles que consideram um bebê como uma repercussão positiva do conflito, expressaram-se na forma de comentários como o de Fabiana (13 anos): ‘um filho é uma coisa boa, é uma vida, é felicidade’. Em contrapartida à alegação de Fabiana (13 anos), Cláudia (13 anos) ponderou que ‘um filho por si só é bom, mas dependendo do clima que os pais têm, o jeito que eles se tratam, pode ser ruim um filho’. Portanto, o grupo mostrou-se dividido quanto a esse ponto.

Apesar de se ter investigado durante a discussão as coisas boas resultantes especificamente dos conflitos entre os pais, uma das participantes tomou como referência a separação. Neste sentido, como se verifica na fala de Alessandra (12 anos): ‘se um pai e uma mãe se separam e vão sei lá, pra outro lugar, tu (filho) vai ver tipo, culturas novas e vai viajar bastante’. No mesmo sentido, para Felipe (13 anos), uma repercussão positiva para os filhos no caso de pais separados é que ‘por exemplo, no Natal, o filho ganha duas coisas’. O fato de alguns adolescentes terem relacionado a separação às coisas boas, pode ser um indicativo da limitação da sua percepção em relação às possíveis implicações positivas do conflito. Isso talvez possa ser decorrente da concepção negativa que os adolescentes têm acerca do conflito conjugal, limitando a sua perspectiva. Desta forma, a visão dos adolescentes pode ficar restrita a expressão do conflito, não havendo ainda a maturidade cognitiva e emocional necessária para ponderar acerca dos possíveis ganhos da exposição aos conflitos.

## **Considerações Finais**

A partir da análise das falas dos dois grupos focais realizados com as crianças e os adolescentes, pode-se constatar que os filhos consideram os conflitos conjugais discussões e brigas entre os pais, que podem chegar à agressão física. Além dessa perspectiva, o conceito de conflito das crianças inclui a separação, enquanto os adolescentes destacam a oposição entre o casal na sua definição.

Os conflitos parecem ser recorrentes entre os pais, podendo versar sobre qualquer assunto. No geral, as crianças apontaram para temas relacionados à vida familiar, como, por exemplo, a distribuição das tarefas domésticas. Os adolescentes, por outro lado, reconheceram a prevalência de conflitos sobre os filhos.

A percepção dos filhos sobre as estratégias de resolução dos pais mostra-se voltada para expressões negativas do seu manejo, como, por exemplo, a hostilidade. As crianças prestam mais atenção no tom afetivo negativo das interações durante o conflito. Em contrapartida, os adolescentes reconhecem a existência de estratégias assertivas de resolução, embora a sua percepção enfatize o impasse na solução de conflitos sobre o manejo dos filhos.

Os filhos procuram explicar os desentendimentos entre os pais enfocando na identificação e compreensão das suas causas. Nesse sentido, os comportamentos e características de um dos pais são apontados como fonte de conflito tanto para as crianças como para os adolescentes. Além dessa explicação, as crianças consideram que algumas vezes os pais culpam os filhos por criarem situações que desencadeiam conflitos conjugais. Os adolescentes acrescentam à essa perspectiva as alianças que podem ser formadas entre um dos pais e os filhos, favorecendo a ocorrência de conflitos conjugais.

No geral, os conflitos conjugais despertam sentimentos negativos nos filhos, com a tristeza sendo a emoção apontada tanto por crianças como adolescentes. Algumas crianças apontaram ainda, para sentimentos de isolamento decorrentes da sua estratégia de afastamento do conflito, e outras, para o sentimento de medo de que o conflito leve à separação dos pais. Os adolescentes valorizaram muito o sentimento de culpa dos filhos pelo surgimento dos conflitos. Por outro lado, reconhecem que filhos com problemas psicológicos podem se sentir felizes por terem provocado o conflito, na medida em que obtém ganhos pessoais com a desunião dos pais.

A forma como os filhos lidam com o conflito parecer ser diversificada. As estratégias de enfrentamento variam desde comportamentos como não fazer nada até a

intervenção direta na discussão. As crianças mencionaram que podem assistir a briga, ou ainda fazer de conta que não estão vendo o conflito, mesmo estando presentes durante a sua ocorrência. A decisão acerca de qual estratégia os adolescentes utilizam relaciona-se a sua crença sobre as chances de sucesso da sua intervenção, à antecipação do risco a que se expõem ao intervir e ao alívio do sentimento de culpa. A autoagressão apareceu como uma tentativa dos filhos adolescentes de cessar aqueles conflitos em relação aos quais eles se sentem responsáveis.

Entre as consequências negativas dos conflitos, os filhos apontaram para repercussões que representam a dissolução da família, como a traição e a separação. O alcoolismo foi indicado por ambos os grupos como uma decorrência negativa do conflito. As crianças mencionaram, ainda, que os conflitos podem fazer com que elas passem a ter uma madrasta ou um padrasto. Na visão exclusivamente dos adolescentes, de outro modo, os conflitos podem levar os filhos a modificar o seu comportamento, com atitudes como, por exemplo, o uso de drogas.

Como repercussões positivas dos conflitos, os filhos fizeram menção subjetiva a comportamentos dos pais que podem ser entendidos como voltados à reconciliação, como as trocas afetivas. Para as crianças, o recasamento apareceu como uma consequência positiva do conflito. Com isso, a perspectiva das crianças assinala a sua ambivalência quanto à formação de uma nova família, já que o recasamento é valorado tanto de forma positiva como negativa. Na visão dos adolescentes os filhos podem ter benefícios quando os pais são separados, como por exemplo, ganhar dois presentes no Natal. A repercussão positiva do conflito foi diretamente relacionada à separação, e não ao conflito em si.

De um modo geral, considera-se que a pluralidade de procedimentos metodológicos utilizados durante os grupos focais mostrou-se apropriada para investigação do tema proposto. Contudo, algumas limitações podem ser assinaladas. É possível que os pais que autorizaram a participação de seus filhos nos grupos focais tenham sido aqueles que apresentavam níveis relativamente saudáveis de expressão de conflitos conjugais, dentre o universo de famílias acessadas para a realização desta pesquisa. Certamente, a características dessas famílias ficam expressadas na fala dos seus filhos e na forma como eles encaram tal temática na dinâmica familiar. Provavelmente famílias com maiores dificuldades de lidar com o conflito seriam descritas por seus filhos com nuances diferenciados.

## Referências

- Bandura, A. (1973). *Aggression: A social learning approach*. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall.
- Bandura, A. (1977). *Social Learning Theory*. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall.
- Barletta, J., & O'Mara, B. (2006). A review of the impact of marital conflict on child adjustment. *Australian Journal of Guidance & Counseling, 16*(1), 91-105. doi: 10.1375/ajgc.16.1.91
- Barth, B., Oliveira, B. C., Grzybowski, L. S., & Wagner, A. (2011, Outubro). A percepção de pais e filhos sobre os motivos do conflito conjugal. Trabalho apresentado no XII Salão de Iniciação Científica da PUCRS.
- Brasil (2010a). Síntese de Indicadores Sociais - Uma Análise das Condições de Vida da População Brasileira. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro. ISBN 978-85-240-4143-3.
- Brasil (2010b). Estatísticas do Registro Civil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, v. 37, p.1- 178. ISSN 0101-2207.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss: Vol.1. Attachment*. New York: Basic Books.
- Crockenberg, S., & Langrock, A. (2001). The role of emotion and emotion regulation in children's responses to interparental conflict. In J. H. Grych, & F. D. Fincham. (Eds.), *Interparental conflict and child development: Theory, research, and application* (pp. 129-156) New York: Cambridge University Press.
- Cummings, E. M., & Davies, P. T. (2002). Effects of marital conflict on children: Recent advances and emerging themes in process-oriented research. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 43*, 31-63. doi: 10.1111/1469-7610.00003
- Cummings, E. M., & Davies, P. T. (2010). *Marital conflict and children: An emotional security perspective*. New York, NY: The Guilford Press.
- Cummings, E. M., Goeke-Morey, M. C., & Papp, L. M. (2003). Children's Responses to Everyday Marital Conflict Tactics in the Home. *Child Development, 74*: 1918–1929. doi: 10.1046/j.1467-8624.2003.00646.x
- Cummings, E. M., Kouros, C. D., & Papp, L. M. (2007). Marital aggression and children's responses to everyday interparental conflict. *European Psychologist, 12*(1), 17-28. doi: 10.1027/1016-9040.12.1.17

- Cummings, E. M., Simpson, K. S., & Wilson, A. (1993). Children's responses to interadult anger as a function of information about resolution. *Developmental Psychology, 29*, 978-985. Retrieved from <http://psycnet.apa.org/journals/dev/29/6/978.pdf>
- Covell, K., & Miles, B. (1992). Children's beliefs about strategies to reduce parental anger. *Child Development, 63*, 381-390. doi: 10.1111/j.1467-8624.1992.tb01634.x
- Cox, M. J., Paley, B., & Harter, K. (2001). In J. H. Grych, & F. D. Fincham (Eds.), *Interparental conflict and child development: Theory, research, and application* (pp. 249-272). New York: Cambridge University Press.
- Cox, M. J., & Paley, B. (1997). Families as systems. *Annu. Rev. Psychol., 48*, 243-267. doi: 10.1146/annurev.psych.48.1.243
- Davies, P. T., & Cummings, E. M. (1994). Marital conflict and child adjustment: An emotional security hypothesis. *Psychological Bulletin, 116*, 387-411. Retrieved from <http://www.psych.rochester.edu/graduate/developmental/faculty/documents/MaritalConflictandchildadjustment1994.pdf>
- Driessnack, M. (2005). Children's drawing as facilitators of communication: A meta-analysis. *Journal of Pediatric Nursing, 20*(6), 415-423. doi: 10.1016/j.pedn.2005.03.011
- Emery, R. E. (1982). Interparental conflict and children of discord and divorce. *Psychological Bulletin, 92*, 310-330. doi: 10.1037/0033-2909.92.2.310
- Erel, O., & Burman, B. (1995). Interrelations of marital relations and parent-child relations: A meta-analytic review. *Psychological Bulletin, 118*(1), 108-132. doi: 10.1037/0033-2909.118.1.108
- Fargas-Malet, M., McSherry, D., Larkin, E., & Robinson, C. (2010). Research with children: Methodological issues and innovative techniques. *Journal of Early Childhood Research, 8*(2), 175-192. doi: 10.1177/1476718X09345412
- Fincham, F. D., & Beach, S. R. (1999). Marital conflict: Implications for working with couples. *Annual Review of Psychology, 50*, 47-77. Retrieved from <http://www.chs.fsu.edu/~ffincham/papers/annual%20review.pdf>
- Fincham, F. D. (2009). Marital conflict. In *Encyclopedia of Human Relationships: Vol. 1* (pp. 298-303). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Gibson, F. (2007). Conducting focus groups with children and young people: strategies for success. *Journal of Research in Nursing, 12*(5), 473-483. doi: 10.1177/1744987107079791

- Goeke-Morey, M. C., Cummings, E. M., & Papp, L. M. (2007). Children and marital conflict resolution: Implications for emotional security and adjustment. *Journal of Family Psychology, 21*(4), 744-753. doi: 10.1037/0893-3200.21.4.744
- Grych, J. H., & Fincham, F. D. (1990). Marital conflict and children's adjustment: A cognitive-contextual framework. *Psychological Bulletin, 108*, 267-290. Retrieved from <http://www.chs.fsu.edu/~ffincham/papers/pb-child-prob-and-mc-pb-90.pdf>
- Grych, J. H., & Fincham, F. D. (1993). Children's appraisals of marital conflict: Initial investigations of the cognitive-contextual framework. *Psychological Bulletin, 118*, 267-290. Retrieved from <http://www.chs.fsu.edu/~ffincham/papers/cd-initial-test-2003.pdf>
- Grych, J. H., & Fincham, F. D. (Eds.). (2001). *Interparental conflict and child development: Theory, research, and application*. New York: Cambridge University Press.
- Grych, J. H., Seid, M., & Fincham, F. D. (1992). Assessing marital conflict from the child's perspective: The Children's Perception of Interparental Conflict Scale. *Child Development, 63*, 558-572. doi: 10.2307/1131346
- Hennessy, E., & Heary, C. (2005) Exploring children's views through focus groups. In Greene, S., Hogan, D. (eds). *Researching Children's Experience: Approaches and Methods*. London, Sage Publications.
- Jenkins, E. J. Simpson, Dunn, J., Rasbach, J., & O'Connor, T. G. (2005). Mutual influence of marital conflict and children's behavior problems: Shared and nonshared family risks. *Child Development, 76*, 24-39. doi: 10.1111/j.1467-8624.2005.00827.x
- Kennedy, C., Kools, S., & Krueger, R. (2001) Methodological considerations in children's focus groups. *Nursing Research 50*(3), 184-187.
- Kerig, P. K. (1995). Triangles in the family circle: Effects of family structure on marriage, parenting, and child adjustment. *Journal of Family Psychology, 9*, 28-43.
- Koss, K. J., George, M. R. W., Bergman, K. N., Cummings, E. M., Davies, P. T., & Cicchetti, D. (2011). Understanding children's emotional processes and behavioral strategies in the context of marital conflict. *Journal of Experimental Child Psychology, 109*, 336-352. doi:10.1016/j.jecp.2011.02.007
- Kerig, P. K. (2001). Children's coping with interparental conflict. In J. H. Grych & F. D. Fincham (Eds). *Interparental conflict and child development: Theory, research and application* (pp. 213-248).



- Krishnakumar, A., & Bueher, C. (2000). Interparental conflict and parenting behaviors: A meta-analytic review. *Family Relations*, 49(1), 25-44. doi: 10.1111/j.1741-3729.2000.00025.x
- Kurdek, L. A. (1995). Areas of conflict for gay, lesbian, and heterosexual couples: What couples argue about influences relationship satisfaction. *Journal of Marriage and the Family* 56, 923-934. Retrieved from <http://www.ucm.es/info/rqtr/biblioteca/Estudios%20gltb/gltb%20couple%20satisfaction.pdf> 26
- Morgan, D. L. (1997). *Focus groups as qualitative research*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Morgan, M., Gibbs, S., Maxwell, K., & Britten, N. (2002). Hearing children's voices: methodological issues in conducting focus group with children aged 7-11 years. *Qualitative Research*, 2(1), 5-20. doi: 10.1177/1468794102002001636
- Mosmann, C., & Wagner, A. (2008). Dimensiones de la conjugalidad y la parentalidad: un modelo correlacional. *Revista Intercontinental de Psicología y Educación*, 10(2), 79-103. <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/802/80212387005.pdf>
- Nicolotti, L., El-Sheikh, M., & Whitson, S. M. (2003). Children's coping with marital conflict and their adjustment and physical health: Vulnerability and protective functions. *Journal of Family Psychology*, 17, 315-326. doi: 10.1037/0893-3200.17.3.315
- Olabuénaga, J. I. R. (1999). *Metodología de la investigación cualitativa*. Bilbao: Universidad de Deusto.
- Papp, L. M., Cummings, E. M., & Goeke-Morey, M.C. (2002). Marital conflict in the home when children are present versus absent. *Development Psychology*, 38 (774-783). doi: 10.1037/0012-1649.38.5.774
- Papp, L. M., Cummings, E. M., & Goeke-Morey, M.C. (2009). For richer, for poorer: Money as a topic of marital conflict in the home. *Family Relations*, 58, 91-103. doi: 10.1111/j.1741-3729.2008.00537.x
- Rios González, J. A. (1994). *Manual de orientación y terapia familiar*. Madrid: Instituto de Ciencias del Hombre.
- Schermerhorn, Cummings, Decarlo, & Davies (2007). Children's influence in the marital relationship. *Journal of Family Psychology*, 21(2), 259-269. doi: 10.1037/0893-3200.21.2.259

- Shelton, K. H., & Harold, G. T. (2007). Marital conflict and children's adjustment: The mediating and moderating role of children's coping strategies. *Social Development, 16*(3), 497-512. doi: 10.1111/j.1467-9507.2007.00400.x
- Stewart, D. W., Shamdasani, P. N., & Rook, D. W. (2007). Focus groups: Theory and practice. (2nd ed.). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Toloi, M. D. C. (2006). *Filhos do divórcio: Como compreendem e enfrentam conflitos conjugais no casamento e na separação*. Tese de doutorado. Curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Retrieved from [http://www.sapientia.pucsp.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=3950](http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3950)
- Wild, L. G., & Richards, M. P. M. (2003). Exploring parent and child perceptions of interparental conflict. *International Journal of Law, Policy and The Family, 17*, 366-384. doi: 10.1093/lawfam/17.3.366
- Zimet, D., & Jacob, T. (2000). Influences of marital conflict on child adjustment: Review of theory and research. *Clinical Child and Family Psychology Review, 4*(4), 319-335. doi: 10.1023/A:1013595304718

### CAPÍTULO III: AVALIAÇÃO DO MÉTODO

Tendo em vista a escassez de estudos que utilizaram o método dos grupos focais com crianças/adolescentes, avaliou-se como importante comentar e discutir a metodologia de pesquisa aqui utilizada a fim de iluminar futuros trabalhos. Apresenta-se a seguir de forma detalhada os procedimentos e atividades adotadas para a realização deste estudo de mestrado.

**Dinâmica dos grupos:** De um modo geral, avalia-se que ambos os grupos mostraram-se integrados e engajados nas atividades. Entretanto algumas diferenças podem ser destacadas quanto à dinâmica dos grupos. As crianças mostraram-se mais dispersas durante as atividades, exigindo da moderadora uma postura mais diretiva e uma estimulação ativa para manutenção do foco durante o encontro. Por outro lado, embora os adolescentes tenham se dispersado em alguns momentos, no geral, mostraram-se mais concentrados nas tarefas permitindo à moderadora uma condução do grupo focal com menor nível de intervenções no sentido de garantir o foco nas atividades. Em ambos os grupos alguns participantes tomaram a iniciativa de retomar o foco da discussão, o que funcionou como um ponto de apoio para que a moderadora auxiliasse o grupo a manter-se conectado ao tema da pesquisa. Outra diferença marcante entre os grupos relaciona-se à profundidade da discussão. Os adolescentes discutiram os tópicos da pesquisa em maior profundidade e lançaram mão do recurso de utilizar exemplos de conflitos que acontecem com outros casais, além dos seus pais. Essa diferença pode ser explicada pela fase do desenvolvimento, já que, em relação à infância, na adolescência os jovens têm mais recursos cognitivos e emocionais. Um maior desenvolvimento nessas áreas naturalmente favorece a profundidade da reflexão e a articulação das ideias durante a discussão do grupo.

**Local de coleta:** A escola dos participantes configura-se como um contexto que lhes é familiar e, por isso, a realização do grupo focal nesse local favoreceu o comparecimento no dia da coleta dos dados. Por terem sido realizados na escola dos participantes, os grupos focais foram formados com crianças e adolescentes que já se conheciam, o que inclui vantagens e desvantagens. Uma das principais vantagens é que grupos com participantes

conhecidos têm mais intimidade e por isso sentem-se mais à vontade para compartilhar opiniões e sentimentos (Morgan, 1997), como ocorreu em ambos os grupos. Por outro lado, a dinâmica das relações pré-existentes é trazida para dentro do encontro do grupo focal, como sugerem Morgan et al. (2002). Isso se expressou em ambos os grupos principalmente através da participação mais expressiva de alguns membros durante a discussão bem como por meio de alianças entre alguns participantes. O grupo das crianças foi especialmente marcado pela dificuldade de manejo de um participante, que, embora expressasse o desejo em participar, por vezes perturbava a discussão fazendo gracejos. As atitudes desse menino encontraram o apoio em alguns participantes, que riam do seu comportamento. Esse comportamento pode ser uma expressão do que acontece com esse grupo cotidianamente na sala de aula. Contudo, apesar de mostrar-se bastante inquieto, especialmente até a metade do encontro, gradualmente esse participante conseguiu se engajar no grupo focal, chegando a fazer contribuições relevantes.

**Regras:** O estabelecimento de regras em conjunto com os participantes e a sua exposição durante o grupo focal em um cartaz afixado na parede foi bastante importante em alguns momentos. Como exemplo, em determinadas situações a moderadora necessitou interromper as atividades e recorrer à leitura de algumas regras para garantir o andamento do grupo focal. Os participantes responderam de forma positiva a essas intervenções, validando esse procedimento metodológico.

**Conceito:** Avalia-se que a exploração do conceito de ‘conflito conjugal’ de ambos os grupos permitiu a ancoragem conceitual para os participantes. Além disso, entende-se que essa tarefa contribuiu para que se pudesse conhecer, logo no início do encontro, a linguagem usada pelos participantes para se referir ao tema da pesquisa.

**Desenho:** Embora alguns poucos participantes tenham demonstrado certa preocupação com a qualidade estética do desenho através de comentários, todos demonstraram interesse na tarefa, se engajando de forma ativa. A confecção do desenho mostrou-se uma estratégia eficiente como atividade quebra-gelo. Observou-se que a participação na pesquisa tornou-se efetiva no momento em que os participantes se conectaram com a tarefa de criação do desenho, pois essa demandou uma postura mais reflexiva. Essa atitude manifestou-se através de comportamentos como ficar em silêncio e expressões faciais denotando

pensamento, e, posteriormente, pela própria composição do desenho. A técnica de convidar as crianças e os adolescentes a falarem sobre o seu desenho permitiu a exploração do seu significado diretamente a partir do relato dos participantes, e não pela interpretação do significado projetado, como acontece tradicionalmente na psicologia (Driessnack, 2005).

Questões de orientação: A discussão mostrou-se fluida com as questões de orientação utilizadas. Considera-se que o estudo piloto realizado previamente à coleta dos dados foi essencial para testar a adequação dessas questões.

Cartazes: A confecção coletiva dos cartazes mostrou-se uma atividade capaz de proporcionar aos participantes a reflexão sem a pressão de uma resposta individual imediata, como confirmam Morgan et al (2002). Ambos os grupos denotaram a mesma reação em relação ao entendimento da tarefa. Isto é, a instrução de colar imagens que representassem coisas ruins decorrentes do conflito parece ter sido claramente compreendida. Contudo, por vezes os participantes consideravam uma representação ora como a causa, ora como a consequência do conflito. Isso pode ter ocorrido por duas razões. Ou porque de fato determinada temática pode ser tanto a causa como a consequência de um conflito, ou porque os participantes não tinham clareza quanto a essa questão. Mesmo assim, considera-se que a confecção dos cartazes sobre as coisas ruins que podem resultar dos conflitos mostrou-se apropriada para explorar o tema.

De outro modo, a proposição de confecção do cartaz sobre as coisas boas que podem resultar dos conflitos parece não ter sido claramente compreendida. Essa dificuldade de entendimento da tarefa revelou-se na atitude, tanto das crianças como dos adolescentes, de colar figuras que representaram coisas boas em essência, sem ter necessariamente relação com o conflito. O objetivo da pesquisa ao propor esta tarefa foi oportunizar aos participantes um espaço para a identificação e reflexão acerca dos possíveis benefícios da exposição dos filhos aos conflitos. Como indica a literatura, os filhos podem aprender a administrar seus próprios conflitos ao presenciar o manejo dos conflitos conjugais pelos pais. No estudo piloto conduzido previamente à coleta dos dados não foi possível testar esta tarefa por falta de tempo e condições no contexto onde esse foi conduzido. A testagem dessa atividade no estudo piloto poderia ter apontado para a dificuldade dos participantes na construção do cartaz com as coisas boas decorrentes do conflito, e, conseqüentemente viabilizado a adoção de uma estratégia alternativa.

A explicação para a dificuldade na realização dessa atividade pode residir em duas justificativas. A primeira delas seria a visão negativa denotada na forma como os filhos definem o conflito conjugal. A outra explicação seria a capacidade insuficiente dos participantes, talvez pela falta ainda de maturidade cognitiva e emocional, de ver as repercussões do conflito de uma forma mais abstrata, indo além da sua expressão negativa imediata.

Duração dos grupos focais: Cada encontro durou em torno de uma hora e meia. Ficou evidente que, ao longo do tempo, a qualidade das respostas em ambos os grupos tendeu a deteriorar, conforme alertam Morgan et al. (2002). Assim, avalia-se que a utilização da técnica do grupo focal com crianças e adolescentes deve valorizar essa tendência, adotando-se estratégias para lidar com esse indicativo. Neste estudo, entende-se que essa limitação foi parcialmente superada pela diversificação das atividades propostas na condução dos grupos focais, renovando, a cada tarefa proposta, o interesse dos participantes na pesquisa como um todo.

Avaliação dos encontros: O único sinal de desconforto observado durante a discussão foi uma ligeira timidez das crianças ao relatarem espontaneamente que os pais ‘namoram’ e ‘fazem sexo’. Esse sinal foi respeitado na medida em que não se insistiu no aprofundamento desse assunto durante a discussão. Ao final de ambos os grupos focais, a moderadora solicitou aos participantes que avaliassem a sua participação na pesquisa, refletindo sobre como se sentiram durante a coleta dos dados. Ambos os grupos relataram que ‘foi bom falar sobre este assunto com alguém’, pois fizeram um ‘desabafo’ ao ‘colocar tudo pra fora’. Para finalizar, os participantes relataram estar se sentindo ‘bem’, referindo terem gostado de participar da pesquisa.

## CAPÍTULO IV: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou conhecer a perspectiva de crianças e adolescentes sobre os conflitos conjugais, através da condução de grupos focais. Considera-se que, apesar das suas limitações, a metodologia empregada mostrou-se apropriada para o estudo da temática. A técnica do grupo focal revelou-se como uma opção metodológica versátil e participativa para ser usada com crianças e adolescentes.

A perspectiva de crianças e adolescentes assemelha-se em muitos aspectos, e embora a comparação entre os grupos não tenha sido foco deste estudo, algumas diferenças foram evidenciadas. Especula-se que essas diferenças possivelmente se relacionem à fase de desenvolvimento. No geral, o ponto de vista dos filhos mostra uma tendência de percepção negativa dos conflitos, com a percepção de um repertório limitado de estratégias de resolução de tais conflitos por seus pais. A perspectiva dos filhos revela ainda, que os conflitos podem ter repercussões predominantemente negativas para esses e para a família.

Tanto crianças como adolescentes demonstram se esforçar para lidar com os conflitos entre os pais. Nesse sentido, os filhos podem adotar comportamentos adaptativos ou não de enfrentamento dessas situações no contexto familiar. Conflitos relacionados à própria criança ou adolescente são particularmente estressantes para os filhos, podendo levá-los a sofrimento psíquico e comportamentos extremamente destrutivos. Profissionais que trabalham com crianças e adolescentes precisam estar atentos para possíveis expressões de sofrimento, já que essas podem estar relacionadas a alguns aspectos da vida familiar, tais como os conflitos conjugais dos progenitores e a expressão destes no seio da família.

Os resultados deste estudo sugerem que a percepção dos filhos talvez seja muito mais aguçada do que os próprios progenitores avaliem e percebam, já que tanto crianças como adolescentes mostram-se atentos às brigas dos pais, mesmo quando não presenciam os episódios de conflito ou quando não demonstram aos pais estarem registrando tais situações. Recomenda-se, portanto, que sejam feitos estudos para se avaliar o quanto os pais têm conhecimento acerca da percepção de seus filhos sobre os seus conflitos conjugais. Os achados desta pesquisa apontam, ainda, para a necessidade de desenvolvimento de programas para a ampliação das estratégias de resolução de conflitos

conjugais, já que as relações que se estabelecem precocemente na família servem como modelos de interação social para os filhos ao longo de seu desenvolvimento.



**ANEXOS**

## Anexo A - Carta de Aprovação do Comitê de Ética



**UFRGS**  
UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO GRANDE DO SUL

**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA**

Comitê De Ética Em Pesquisa Do Instituto De Psicologia



### **CARTA DE APROVAÇÃO**

Comitê De Ética Em Pesquisa Do Instituto De Psicologia analisou o projeto:

**Número:** 20822

**Título:** Conflitos conjugais: a perspectiva dos filhos

**Pesquisadores:**

**Equipe UFRGS:**

ADRIANA WAGNER - coordenador desde 01/05/2011

Viviane Ribeiro Goulart - pesquisador desde 01/05/2011

***Comitê De Ética Em Pesquisa Do Instituto De Psicologia aprovou o mesmo, por estar adequado ética e metodologicamente e de acordo com a Resolução 196/96 e complementares do Conselho Nacional de Saúde.***

Porto Alegre, Segunda-Feira, 4 de Julho de 2011

JERUSA FUMAGALLI DE SALLES  
Vice Coordenador da comissão de ética

*Comitê de Ética em Pesquisa*  
Registro 25000.089325/2006-58  
Instituto de Psicologia - UFRGS

## Anexo B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Crianças

Prezados pais,  
Prezado participante,

Estamos realizando uma pesquisa para estudar a visão dos filhos sobre o conflito entre os pais. O objetivo é conhecer como a criança caracteriza o relacionamento e vivencia o conflito conjugal dos seus pais. Além disso, buscamos também estudar a percepção, os sentimentos e as estratégias dos filhos frente aos conflitos de seus pais.

Nosso propósito é promover propostas que melhorem os níveis de saúde familiar, enfocando a relação entre os pais e os filhos e entre o casal. Considerando a relevância deste tema, sua colaboração é muito importante para que possamos entender melhor esses aspectos do funcionamento familiar.

Solicitamos a participação de seu filho(a) para fazer parte de um grupo de participantes com idade entre 8 e 9 anos, para discussão do tema da pesquisa. O grupo terá um encontro único, com duração aproximada de uma hora e meia, a ser realizado na escola do seu filho, em data previamente agendada.

O encontro será gravado em áudio e vídeo para garantir a precisão dos dados coletados. Todas as informações dadas serão tratadas confidencialmente e o nome do participante será mantido em sigilo. O participante desta pesquisa poderá desistir de colaborar em qualquer momento, se assim o desejar, sem nenhum prejuízo ou comprometimento futuro. Sinta-se à vontade para fazer qualquer pergunta ou pedir esclarecimentos antes de decidir.

Eu, \_\_\_\_\_,  
responsável por \_\_\_\_\_, fui informado(a) dos objetivos da pesquisa de maneira clara e detalhada. Recebi orientações sobre os procedimentos envolvidos e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento posso solicitar novas informações e modificar minha decisão, se assim eu desejar.

A coleta dos dados será realizada pela psicóloga Viviane Ribeiro Goulart, e a pesquisadora responsável pelo estudo é a Dra. Adriana Wagner, com a qual poderei entrar em contato pelo telefone (51) 3308-5322. As pesquisadoras certificaram que os dados desta pesquisa são confidenciais e que poderei retirar o meu consentimento para a participação do meu(minha) filho(a) na pesquisa, quando quiser.

Estou ciente que o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS, situado à Rua Ramiro Barcelos, 2600, fone 3308-5066, aprovou esta pesquisa. Sei que os dados da pesquisa serão guardados na sala da pesquisadora na Rua Ramiro Barcelos, 2600/sala 126, pelo período de cinco anos.

Declaro que recebi cópia do presente termo de consentimento.

_____	____/____/____
<b>Assinatura do participante</b>	<b>Data</b>
_____	____/____/____
<b>Assinatura do responsável</b>	<b>Data</b>
_____	____/____/____
<b>Assinatura da pesquisadora</b>	<b>Data</b>

## Anexo C – Termos de Consentimento Livre e Esclarecido – Adolescentes

Prezados Pais,  
Prezado participante,

Estamos realizando uma pesquisa para estudar a visão dos filhos sobre o conflito entre os pais. O objetivo é conhecer como o adolescente caracteriza o relacionamento e vivencia o conflito conjugal dos seus pais. Além disso, buscamos também estudar a percepção, os sentimentos e as estratégias dos filhos frente aos conflitos de seus pais.

Nosso propósito é promover propostas que melhorem os níveis de saúde familiar, enfocando a relação entre os pais e os filhos e entre o casal. Considerando a relevância deste tema, sua colaboração é muito importante para que possamos entender melhor esses aspectos do funcionamento familiar.

Solicitamos a participação de seu filho(a) para fazer parte de um grupo de participantes com idade entre 12 e 13 anos, para discussão do tema da pesquisa. O grupo terá um encontro único, com duração aproximada de uma hora e meia, a ser realizado na escola do seu filho, em data previamente agendada.

O encontro será gravado em áudio e vídeo para garantir a precisão dos dados coletados. Todas as informações dadas serão tratadas confidencialmente e o nome do participante será mantido em sigilo. O participante desta pesquisa poderá desistir de colaborar em qualquer momento, se assim o desejar, sem nenhum prejuízo ou comprometimento futuro. Sinta-se à vontade para fazer qualquer pergunta ou pedir esclarecimentos antes de decidir.

Eu, \_\_\_\_\_,  
responsável por \_\_\_\_\_, fui informado(a) dos objetivos da pesquisa de maneira clara e detalhada. Recebi orientações sobre os procedimentos envolvidos e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento posso solicitar novas informações e modificar minha decisão, se assim eu desejar.

A coleta dos dados será realizada pela psicóloga Viviane Ribeiro Goulart, e a pesquisadora responsável pelo estudo é a Dra. Adriana Wagner, com a qual poderei entrar em contato pelo telefone (51) 3308-5322. As pesquisadoras certificaram que os dados desta pesquisa são confidenciais e que poderei retirar o meu consentimento para a participação do meu(minha) filho(a) na pesquisa, quando quiser.

Estou ciente que o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS, situado à Rua Ramiro Barcelos, 2600, fone 3308-5066, aprovou esta pesquisa. Sei que os dados da pesquisa serão guardados na sala da pesquisadora na Rua Ramiro Barcelos, 2600/sala 126, pelo período de cinco anos.

Declaro que recebi cópia do presente termo de consentimento.

_____	/	____/____
<b>Assinatura do participante</b>		<b>Data</b>
_____	/	____/____
<b>Assinatura do responsável</b>		<b>Data</b>
_____	/	____/____
<b>Assinatura da pesquisadora</b>		<b>Data</b>